

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO  
(CBG)

**NATASHA SILVA VALLADÃO**

A POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE AS PESSOAS IDOSAS E AS BIBLIOTECAS  
PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA:  
UM ESTUDO COM A VILA RESIDENCIAL - UFRJ

Rio de Janeiro

2022

NATASHA SILVA VALLADÃO

**A POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE AS PESSOAS IDOSAS E AS BIBLIOTECAS  
PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA  
COLETIVA: UM ESTUDO COM A VILA RESIDENCIAL - UFRJ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Mallmann Souto Pereira  
Coorientador: Prof. Dr. Robson Santos Costa

Rio de Janeiro

2022

## Ficha catalográfica

V136 Valladão, Natasha Silva

A possível relação entre as pessoas idosas e as bibliotecas públicas e comunitárias para a preservação da memória coletiva: um estudo com a Vila Residencial – UFRJ. / Natasha Silva Valladão. Rio de Janeiro, 2022.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Mallmann Souto Pereira.  
Coorientador: Prof. Dr. Robson Santos Costa.

1. Memória coletiva. 2 Memória do idoso. 3 Biblioteca pública. 4. Biblioteca comunitária. 5. Vila Residencial – UFRJ. I. Pereira, Patrícia Mallmann Souto. II. Costa, Robson Santos. III. Título.

CDU: 027.4

**NATASHA SILVA VALLADÃO**

**A POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE AS PESSOAS IDOSAS E AS BIBLIOTECAS  
PÚBLICAS E COMUNOTÁRIAS PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA:  
UM ESTUDO COM A VILA RESIDENCIAL - UFRJ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2022.

---

Prof. Dra. Patrícia Mallmann Souto Pereira  
Orientadora

---

Prof. Dr. Robson Santos Costa  
Coorientador

---

Prof. Dra. Silmara Kuster de Paula Carvalho  
Membro interno

---

Prof. Esp. Vera Lucia Valente de Freitas - UFRJ  
Membro externo

À minha mãe Anália e à minha irmã Valéria,  
pois sem a força e o apoio de vocês eu jamais  
teria chegado até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha mãe por ser a pessoa que tornou tudo isso possível, por sempre ter apoiado os meus sonhos e objetivos e acreditado em mim desde o princípio. Agradeço também à minha irmã Valéria por sempre estar ao meu lado e nunca desistir de mim, por todo o apoio desde as inúmeras perguntas sobre o que eu estudo até se certificar de que eu estivesse segura durante todos os dias da graduação. À toda a minha família que entendia quando eu precisava estudar e respeitou meu tempo e meu espaço em todos os momentos, agradeço por todo o apoio, ajuda e toda a força. A Deus por ter me permitido chegar até aqui.

À minha pessoa favorita deste mundo, Stefany, que foi a pessoa responsável por me fazer acreditar em mim. Por ter sido a primeira pessoa que me ouviu com atenção e carinho desde o início e por ter sido quem me fez perceber que eu também tenho uma voz que merece ser ouvida. Agradeço por todo o amor, todo o apoio, toda ajuda, todos os dias e noites que passou me ouvindo falar repetidas vezes sobre o meu tema e por jamais ter me silenciado. Obrigada por ter estado ao meu lado durante todo o caminho dessa graduação e por ter tornado tudo mais fácil; por ter me apresentado a minha versão favorita de mim mesma e por ter permanecido durante o processo, que sabemos que não foi fácil, mas por nunca ter desistido. E obrigada, principalmente, por ter me permitido entrar na sua vida e conhecer o seu avô que sempre será o motivo pelo qual escolhi este tema.

Ao senhor Expedito Garcia da Silva (*in memoriam*) pela nossa conversa naquela tarde em Fortaleza sentados no portão de casa falando sobre suas memórias do Rio de Janeiro porque foi a partir deste dia que eu soube sobre o que queria pesquisar. Agradeço pela sua existência porque ela sempre terá um peso especial na minha vida e sempre será lembrada com carinho. Deixo o seu nome aqui gravado para jamais ser esquecido.

Às minhas amigas Amannda Wendy e Nayara Caldas por terem tornado a graduação mais fácil desde o início. Por todo o apoio e acolhimento, por terem me aceitado como eu sou e por jamais terem desistido de mim e da nossa amizade. Agradeço por terem acreditado em mim e me apoiado durante a produção deste trabalho e por terem me ouvido com atenção, as nossas conversas foram o que me permitiram me encontrar. Obrigada também pela amizade, companheirismo e todos os dias felizes e tristes, só foi uma ótima caminhada porque vocês estiveram comigo durante todo o caminho.

Às minhas amigas Bianca, Thalia, Natália, Daniele, Débora e Camila porque vocês tornaram as coisas mais leves e mais fáceis. Às minhas amigas de estágio, especialmente à Talita, por ter me dado força e ter acreditado em mim e pela infinita paciência para lidar comigo

nos momentos que eu chegava nervosa por não acreditar que poderia fazer dar certo. Agradeço também aos meus amigos Amanda, Barbara, David e Jhenyffer por mesmo de longe terem estado ao meu lado durante esse ano conturbado e por terem me dado força quando eu mais precisei.

Ao grupo de “bibliotecárias”, como éramos chamadas, por tornarem a graduação mais leve, agradável e confortável. Foi bom ter encontrado um espaço onde estava tudo bem ser eu mesma e conhecer pessoas tão diferentes e parecidas ao mesmo tempo.

Agradeço à minha orientadora, Patrícia Mallmann, por todos os ensinamentos, orientações, conversas e ajuda durante todo o processo porque sem este apoio eu jamais teria conseguido desenvolver o trabalho. Obrigada por toda a disposição, disponibilidade e por ter me dado a oportunidade de atuar na biblioteca comunitária no meu segundo período pois este projeto foi primordial para que eu soubesse o que era importante pra mim. Agradeço também ao meu coorientador Robson Costa por ter me dado apoio em um tema pelo qual eu tenho tanto carinho.

Agradeço à UFRJ, à todos os professores do curso de Biblioteconomia e a todos os bibliotecários e bibliotecárias que conheci durante esses anos porque vocês possibilitaram que eu encontrasse o meu caminho dentro da Biblioteconomia.

Por fim, agradeço à todas as pessoas, todas as forças e todos os momentos que influenciaram para que eu estivesse exatamente onde estou neste momento, pois foram todos os encontros e desencontros da vida que resultaram no aqui e no agora.

“- Pergunto-me o motivo de não ter se casado. Os filhos dele já teriam os próprios barcos, e os netos amontoariam-se sobre ele para ouvir histórias. Ele é esse tipo de homem. Em vez disso, tem apenas um gato magnífico. Anne, todavia, estava enganada. O capitão Jim tinha mais que isso. Ele tinha a memória.” (LUCY MAUD MONTGOMERY, 2020, p. 75).



## RESUMO

As bibliotecas, enquanto espaços sociais e culturais, têm como um de seus objetivos principais a preservação da memória de um grupo, comunidade ou nação. Objetiva-se, nesta pesquisa, compreender como criar uma relação entre as bibliotecas públicas e comunitárias e os idosos que residem na Vila Residencial - UFRJ para preservar e construir a memória coletiva da comunidade. Expõe a definição de coletividade no campo da memória e analisa o papel do idoso como agente criador de memória. Destaca o significado das bibliotecas públicas e comunitárias enquanto lugares de memória e evidencia as noções de documento. Apresenta a Vila Residencial – UFRJ, seus moradores e sua história. A metodologia utilizada possui caráter exploratório de cunho qualitativo, os dados foram coletados através das técnicas de entrevista por pautas e de história de vida e realizadas com cinco indivíduos selecionados que residem na Vila Residencial - UFRJ. Conclui-se que para efetivar a relação entre estes agentes é necessário que, em um primeiro momento, a biblioteca se apresente como um lugar de memória, então busque se relacionar com os idosos da comunidade e por fim mostre a importância que suas vozes e seus discursos carregam.

**Palavras-chave:** Memória coletiva. Memória do idoso. Biblioteca pública. Biblioteca comunitária. Vila Residencial - UFRJ.

## **ABSTRACT**

Libraries, as cultural and social spaces, have as one of their most important objectives the preservation of the memory of a group, community or nation. The purpose of this research, is to understand how to create a relation between public and community libraries and the elderly who live in Vila Residencial -UFRJ to preserve and to build the collective memory of the community. It exposes the definition of collectively in the memory and analyzes the elderly role as a memory agent. It highlights the meaning of public and community libraries as places of memories and stands out the notions of document. It presents Vila Residencial- UFRJ, its residents and its history. The methodology used has an exploratory character of a qualitative nature, the data were collected through interview techniques using guidelines and life story was made with five selected individuals who reside in Vila Residencial - UFRJ. It is concluded that in order to make the relationship between these agents effective, it is necessary that first the library present itself as a place of memory, then seek to relate with de elderly in the community, and finally show them the importance that their voices and speeches carry.

**Keywords:** Collective memory. Memory of the elderly. Public Library. Community library. Vila Residencial - UFRJ.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1</b>	<b>Problema.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2</b>	<b>Objetivos.....</b>	<b>11</b>
<b>1.3</b>	<b>Justificativa.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>A MEMÓRIA COLETIVA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>A memória do idoso.....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>A BIBLIOTECA PÚBLICA E A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1</b>	<b>Bibliotecas como lugares de memória.....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>SOBRE A NOÇÃO DE DOCUMENTO.....</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>A VILA RESIDENCIAL - UFRJ.....</b>	<b>31</b>
<b>5.1</b>	<b>Breve apresentação sobre a Biblioteca Comunitária na Vila Residencial – UFRJ.....</b>	<b>35</b>
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>38</b>
<b>6.1</b>	<b>Campo de observação.....</b>	<b>38</b>
<b>6.2</b>	<b>Técnicas de coletas de dados .....</b>	<b>39</b>
<b>6.3</b>	<b>População e amostra.....</b>	<b>40</b>
<b>6.4</b>	<b>Análise de dados.....</b>	<b>41</b>
<b>7</b>	<b>(RE) LEMBRANDO E (RE) VIVENDO.....</b>	<b>42</b>
<b>7.1</b>	<b>O indivíduo por trás da história.....</b>	<b>42</b>
<b>7.2</b>	<b>O processo de rememorar.....</b>	<b>47</b>
<b>7.3</b>	<b>Os sentidos que são dados: a Vila Residencial - UFRJ atualmente sob a perspectiva dos moradores.....</b>	<b>55</b>
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>64</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>66</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>72</b>
	<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>74</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas, enquanto espaços sociais e culturais, têm como um de seus objetivos principais a preservação da memória de um grupo, comunidade ou nação; são, deste modo, “[...] lugares em que a memória coletiva encontra sua materialização através do registro escrito e de onde é possível obter referências por meio das quais nossa memória individual e coletiva e nosso patrimônio cultural se fazem perceber” (RODRIGUES, 2014, p. 69). Assim, as bibliotecas, como lugares de memória, possuem o compromisso de não apenas preservá-la, mas também de influenciar e contribuir para o seu compartilhamento, convidando o usuário para ser mais que um agente passivo, mas um agente participante no desenvolvimento de atividades para compartilhar, construir e preservar a memória coletiva em **conjunto** com a biblioteca.

Nesta perspectiva, Bosi (1987) afirma que a construção social da memória ocorre quando um grupo trabalha em conjunto e através do qual se criam discursos de narração e interpretação de fatos ocorridos, chegando a uma concordância em relação a determinado acontecimento e criando uma história oficial a ser lembrada pelo grupo. No entanto, nesses casos, memórias que não são discutidas frequentemente, que não foram vivenciadas por quem tem voz ou que não são consideradas relevantes, acabam adormecendo e sendo deixadas de lado. Por falta de discussão, conversas e de receber a devida importância, parte da memória não falada frequentemente pode perder para o silêncio e, posteriormente, para o esquecimento. Além disso, tendo em vista que pessoas diferentes podem vivenciar eventos de maneiras diferentes, o contexto geral em que determinado fato aconteceu pode se perder devido à chamada história oficial celebrativa, aquela em que, segundo Chauí (1987), mostra o lado dos vencedores, mas destrói a lembrança, a vivência e as tradições de outras pessoas que também presenciaram e participaram do acontecimento.

Por esta razão, pensar na preservação e construção da memória coletiva é pensar nas diversas pessoas que carregam memórias, vivências e aprendizados. Assim, evidencia-se, neste trabalho, a pessoa idosa; aquela que carrega, dentro de si, uma infinidade de lembranças e histórias; histórias estas, que, guardadas apenas para si, não podem compartilhar, ensinar ou esclarecer. No entanto, essas pessoas são muitas vezes silenciadas pela sociedade, sendo consideradas desinteressantes, inúteis e sem valor, e o seu silêncio pode se tornar perigoso, uma vez que não compartilhando, a história pode se perder, pois “[...] a memória não existe sem se contrapor ao esquecimento” (SILVEIRA, 2010, p. 73). Desse modo, destacam-se a importância e a necessidade de dar voz às pessoas idosas, tendo em vista que estas presenciaram os eventos

por diversas perspectivas diferentes e podem contribuir para uma construção mais real da memória coletiva, principalmente porque:

Ao dar atenção às histórias de vida da pessoa idosa, obtém-se o testemunho subjetivo do indivíduo, à luz das suas experiências e da sua vida particular. Estas podem refletir uma época, suas normas sociais e os valores partilhados pela sociedade nos diversos contextos históricos. Assim, por meio das lembranças, podemos ter contato com as experiências vividas, e seus sentidos podem ser transmitidos ao longo das gerações influenciando a compreensão do mundo atual (VALENÇA; REIS, 2015, p. 267).

Assim, a biblioteca, seja ela pública ou comunitária, ao trabalhar em conjunto com a pessoa idosa, poderia trazer uma influência positiva no que diz respeito à atuação no campo da memória coletiva, visto que ambas são importantes agentes que atuam direta, ou indiretamente, na sua preservação, seja através de registros bibliográficos, eventos culturais, ou o compartilhamento de histórias com famílias ou amigos. Esses agentes, de formas separadas, vêm atuando de forma notória na preservação da memória, mas, trabalhando juntos, seria possível alcançar muito mais pessoas e espaços. Nesse sentido, Rodrigues (2014, p. 69, grifo nosso) afirma que

[...] as bibliotecas, especialmente as públicas em virtude da sua missão social, deixaram de ser meros depósitos de registros para se transformarem em estabelecimentos cuja função primordial reside em **salvaguardar** e tornar **acessível a herança cultural** deixada pelos seres humanos do passado e do presente por intermédio de sua mais evoluída forma de registro do pensamento: a escrita.

No presente estudo, a pesquisa será realizada através das técnicas de história de vida e entrevista por pautas com as pessoas idosas que residem na Vila Residencial - UFRJ, localizada no Campus Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), para ouvir suas histórias e trazer seus relatos para que seja estudada uma forma de criar um acervo de memória local em conjunto com a Biblioteca Comunitária na Vila Residencial - UFRJ que possa ser compartilhado com toda a comunidade.

Durante o desenvolvimento do trabalho serão relacionados o idoso e a memória coletiva, evidenciando a definição de coletividade no que diz respeito à memória e analisando o papel do idoso enquanto agente de memória. A pesquisa se propõe, também, a destacar o significado e as funções das bibliotecas públicas e comunitárias enquanto lugares de memória, evidenciar o conceito de documento, além de apresentar a Vila Residencial - UFRJ, sua biblioteca comunitária, os moradores e sua história. Procura também averiguar como criar uma relação entre os seguintes agentes que podem atuar na preservação da memória coletiva: o idoso, a

biblioteca pública e / ou biblioteca comunitária, e sugerir um método para que se possa efetivar esta relação.

### **1.1 Problema**

Como criar uma relação entre as pessoas idosas e as bibliotecas públicas e comunitárias para preservar e construir a memória coletiva de um grupo ou comunidade?

### **1.2 Objetivos**

O objetivo geral é investigar, a partir da perspectiva da Vila Residencial - UFRJ, como criar uma relação entre as pessoas idosas e as bibliotecas públicas e comunitárias para preservar e construir a memória coletiva de um grupo ou comunidade.

Os objetivos específicos se desdobram em:

- a) analisar como a preservação da memória coletiva é vista pelos idosos;
- b) verificar a relação dos idosos da Vila Residencial - UFRJ com as bibliotecas públicas e comunitárias;
- c) construir uma narrativa de memória com os idosos da Vila Residencial - UFRJ a partir de suas histórias de vida;
- d) sugerir um método para que a biblioteca possa trabalhar com o idoso para preservar a memória coletiva de um grupo ou comunidade.

### **1.3 Justificativa**

O presente trabalho foi pensado através da trajetória pessoal da autora enquanto estudante de Biblioteconomia por perceber que existem poucos projetos em bibliotecas voltados para os idosos e por compreender que eles podem ser importantes para a sociedade, tanto no que diz respeito à preservação da memória coletiva, quanto em um contexto geral.

Durante a graduação, o primeiro contato da autora com a prática da Biblioteconomia foi no Projeto de Extensão da Biblioteca Comunitária na Vila Residencial, onde foi possível obter contato direto com a comunidade. No projeto, ficou nítido que algumas pessoas só queriam ter alguém para conversar e contar suas histórias e a biblioteca poderia oferecer isso a elas.

Uma das principais razões para a escolha do tema foi a compreensão de que os idosos detêm diversas memórias de eventos passados que podem não ter sido documentadas, seja pela falta de “poder” de fala, por falta do reconhecimento da sociedade em relação à importância que essas pessoas tem, o que resulta em falta de ouvintes, ou por eles não se sentirem importantes para contar suas histórias. Fatores estes que fazem com que memórias, culturas e vivências sejam perdidas e apagadas. Nesse sentido, os bibliotecários, enquanto profissionais da cultura e da informação, podem contribuir para que a biblioteca as alcance e dê voz, já que:

Os domínios da memória, da mediação e da identidade social se interligam nas ações humanas de produção, preservação, circulação, recuperação e disseminação dos saberes e culturas, ações estas que encontram no ambiente biblioteca, e em especial na biblioteca pública, um espaço social de acesso e uso da informação, potencializador do processo de apropriação cultural, intrínseco à formação de protagonistas sociais (GOMES, 2014, p. 161).

Assim, ao perceber que o bibliotecário tem um papel como agente social, ficou perceptível que a biblioteca pode trabalhar com essas pessoas idosas, a denominada “parte esquecida” da sociedade, para contribuir na preservação e disseminação de suas memórias.

O tema foi escolhido, também, a partir da afetividade que se sente ao ouvir uma história ser contada e saber que o contador de fato vivenciou o acontecimento, que não foi apenas um evento perdido no tempo, mas que foi real e se transformou em uma experiência; assim, ouvindo o lembrar, também se vive, pois “[...] o ato de contar e ouvir histórias tem como objetivo explícito a própria continuidade dessas histórias [...]” (Wilhelm Schapp, 2007 *apud* FREIRE, 2014, p. 237). Por essa razão, o trocar de memórias com idosos pode ser importante para a conexão entre eventos passados e não vivenciados, uma vez que tal troca é capaz de trazer uma relação entre presente-passado, já que, nas palavras de Bosi (1987, p. 41), “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte”.

Além dos pontos citados, tem também o de que os idosos, enquanto parte da sociedade que possui mais memórias e vivências do que todas as outras, podem ter pontos de vista diferentes de um mesmo acontecimento, levando em consideração que as experiências pessoais se divergem a partir do contexto em que uma pessoa está inserida, seja por classe social, localidade, posicionamento político, faixa etária, tipo de participação no evento ocorrido, entre outros. Deste modo, tendo os pontos de vista de pessoas diferentes, a construção social da memória pode se tornar ainda mais evidente, real, próxima e diversificada – como é a sociedade.

Já a Vila Residencial - UFRJ foi escolhida como campo de pesquisa pois é um espaço que possui uma história a ser contada e que precisa ser ouvida, pois mesmo sendo uma comunidade que existe há anos, pouco se sabe sobre sua história, e por isso se busca dar ouvido ao que essas pessoas têm a dizer para que suas histórias e lutas possam ser documentadas e compartilhadas.

Em conclusão, foram conversas, vivências e muitos dias nos quais se obteve contato com essas pessoas que trouxeram a compreensão de que o que elas têm a falar é importante, que dar voz a elas significa abrir os olhos para o que era – e de certa forma ainda é.



## 2 A MEMÓRIA COLETIVA

Silveira (2010) aponta que a memória não está ligada apenas às questões psíquicas, mas que excede a mente humana e também está ligada às imagens, sentimentos, ideias e valores que se relacionam dentro dos grupos sociais, sendo fruto das relações entre os indivíduos. Desse modo, para Tadesco (2014), o campo da memória envolve diversos aspectos, tais como: temporalidade, lembrança, oralidades, subjetividades, fatualidades, especialidades, entre muitos outros, enquanto para Bosi (1987, p. 9), é a memória que permite uma ligação entre o passado e o presente, tendo em vista que esta “[...] aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”.

Para Brettas (2010), a memória, além de guardiã do passado, é também responsável por contribuir para uma relação entre passado e presente e, a partir deste ângulo, tem um papel relevante na percepção dos erros cometidos anteriormente – para que estes não se repitam, ao mesmo tempo em que torna possível a compreensão dos acertos, aprendizado que pode ser utilizado pelos indivíduos para que possam repeti-los, melhorá-los e, eventualmente, evoluir enquanto sociedade.

Segundo Silveira (2010), as pessoas elaboram suas memórias de duas formas: de maneira coletiva e de maneira individual. A memória individual é constituída a partir de percepções e eventos pessoais que o indivíduo supostamente passa sozinho e através do qual elabora sua memória, ao ponto em que a memória coletiva se constitui com base no princípio de que, através das relações sociais que o indivíduo tem com o grupo no qual está inserido, constitui referências coletivas que podem se tornar uma memória a ser lembrada e compartilhada por todo o grupo (SILVEIRA, 2010). Afirmando esta colocação, Nora (1993, p. 9) aponta que: “a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, há tantas memórias quantos grupos existentes; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada”.

Desta forma, Halbwachs (1990) compreende que a memória coletiva se cria dentro do contexto social no qual um indivíduo se encontra, uma vez que a memória se desenvolve a partir do momento em que uma pessoa toma a lembrança coletiva para si, apropriando-se das representações coletivas pelo convívio com o grupo (HALBWACHS, 1990 *apud* RODRIGUES, 2014). Nesse sentido, discutindo sobre a construção da memória em um contexto coletivo, Barros (2006, p. 113) afirma que “a presença do grupo social é imprescindível para o desencadear da memória e para sua própria constituição”, tendo a memória coletiva seu princípio intrinsecamente ligado às relações sociais. Para a autora, ao

transmitir as lembranças o indivíduo torna-se um mediador entre gerações, e destaca a ideia de que a memória é uma sugestão para a continuação das histórias que são contadas. Por esta razão, aponta que:

As lembranças são construções do presente, feitas e refeitas nas interações sociais, nos diferentes contextos sociais e narradas a partir de perspectivas distintas que dependem da situação social em que o narrador se encontra quando transmite suas experiências de vida (BARROS, 2006, p. 113).

Trazendo uma relação entre a memória individual e a memória coletiva, o sociólogo Halbwachs (1990) discute sobre como a memória pode ser coletiva, mesmo que tenha ocorrido através de experiências pessoais e individuais, pois esta é, também, lembrada por outros que não presenciaram o acontecido, uma vez que “[...] em realidade, nunca estamos só” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Ainda segundo a linha de pensamento de Halbwachs (1990), dentro de um o grupo social é possível recriar lembranças vívidas, contexto em que pessoas que vivenciaram um evento em grupo podem se lembrar e narrar, em sequência, os acontecimentos, mesmo que nem todas se lembrem da mesma forma.

Deste modo, apesar de existirem memórias individuais que ao longo do tempo foram perdidas, o grupo social inserido pode contribuir para sua “recuperação” e construção – uma vez que a memória é lembrada sempre no presente –, tendo em vista que, mantendo contato com outras pessoas que também presenciaram o evento, é possível reforçar e trazer à tona memórias há muito esquecidas e construir imagens que podem acabar se transformando em uma **representação** da memória perdida (HALBWACHS, 1990). Nesta perspectiva, o sociólogo coloca que “[...] não reconheceria mais tal lugar que passei certamente uma ou várias vezes, nem tal pessoa que certamente encontrei. Contudo, as testemunhas estão lá” (HALBWACHS, 1990, p. 27).

Reforçando a relação entre individualidade e coletividade advinda da memória, Chauí (1987, p. 30) discute sobre como a memória social pode ser individualizada dependendo da vivência de cada pessoa:

[...] o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique.

Entretanto, para Halbwachs (1990, p. 51) as memórias individuais são criadas dentro de um contexto social, e afirma que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo [...]”. Desta

forma, reconhecendo o vínculo entre a memória social e a memória coletiva, Halbwachs (1990, p. 34) destaca:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. [...] É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como nos dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.

Analisando o que foi colocado por Halbwachs em seu discurso sobre a memória coletiva, Santos (1998) explica:

A afirmação central de Halbwachs sobre a memória é a de que, quaisquer que sejam as lembranças do passado que possamos ter – por mais que pareçam resultado de sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais –, elas só podem existir a partir dos quadros sociais da memória” (HALBWACHS, 1925, p. 16 *apud* SANTOS, 1998, [p. 4]).

A memória, por ser mutável e evoluir com o tempo, não pode ser reconstruída em sua integridade, pois, segundo Halbwachs (1990), com o passar do tempo a memória perde seu aspecto próprio e só pode ser recuperada de uma forma mais real e próxima da original a partir do maior número possível de testemunhos orais e escritos, pois um fato só poderia ser completamente rememorado se fosse possível reviver plenamente o evento, contando, inclusive, com todas as influências que atuavam sobre o indivíduo no momento do acontecimento (HALBWACHS, 1990 *apud* RODRIGUES, 2014). Assim, a memória se desenvolve, altera e evolui em conjunto com a sociedade e ao longo do tempo, pois esta não é fixa, mas sim passiva de transformação a partir da mudança de perspectiva e percepção de quem a carrega; a memória é, nas palavras de Nora (1993, p. 9), “[...] a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento [...]”.

Na perspectiva de Costa (2008, p. 1), sobre a questão de revisitar acontecimentos e trazer à tona o refazer das lembranças, a autora destaca que os indivíduos reelaboram aquelas recordações que lhes ajudam a estruturar seu presente, e aponta que, por isso, o passado se refaz a todo momento. Desse modo, ao discutir sobre o reconstruir memórias do passado, Santos (1998, [p. 10]) coloca:

Quando eu me lembro de um evento do passado, o faço por meio da reconstrução de uma série de imagens fragmentadas e de um conhecimento acumulado a partir de experiências já vivenciadas. No momento exato em que expresso o passado sob a forma de imagem reconstruída [...] dou ao passado uma localização específica no tempo e no espaço, e à memória, a rigidez que ela não possui; ou então obedeco à experiência adquirida ao longo dos anos, traindo a fidelidade ao passado. Como a imagem lembrada é sempre uma criação do presente, há sempre uma distância entre a imagem construída sobre o passado – em gestos, pensamentos ou ações – e o passado, embora este último não esteja ausente da imagem do presente.

Alves e Ferreira (2014, p. 139), em sua análise sobre a questão do evento ocorrido e do evento lembrado, de a memória não ser, em si, completa e uma perfeita rememoração do passado, discutem que “[...] nada é constituído de modo uno, mas por aproximações de fragmentos possíveis de serem conectados por fusão, contraste, oposição ou qualquer outro princípio que possibilite a criação de uma narrativa para o sujeito que rememora”. Por essa razão, Santos (1998, [p. 10]) destaca que “memórias, imagens, identidades construídas são sempre incompletas porque correspondem a uma multiplicidade de experiências vividas por indivíduos e grupos sociais que não se encontram parados no tempo, mas em contínua transformação”.

No entanto, com o passar dos anos os registros foram capazes de preservar elementos culturais de diversos grupos sociais e contribuíram para sua reconstrução; tais testemunhos, registrados por indivíduos ao longo do tempo, constituem a memória coletiva (BRETTAS, 2010). É essa memória que é a responsável por permitir que a herança cultural seja transmitida ao longo das gerações, e reconhece-se sua importância, pois “a memória coletiva dá condições aos grupos de recuperarem as lembranças do que existiu, e a partir delas, de reconstituírem nichos [...] que permitem que essas lembranças continuem existindo” (BRETTAS, 2010, p. 110). Desse modo, a autora destaca que a memória pode ser apresentada por duas interfaces diferentes, sendo a memória oral e a memória escrita. A oral é geralmente transmitida por grupos menores e de uma geração para a outra, enquanto a escrita é capaz de atingir grupos maiores, pois a partir do registro escrito a memória se torna fixa e, assim, mesmo que a interpretação de determinada memória mude ao longo do tempo, o seu registro continuará o mesmo (BRETTAS, 2010).

Desta forma, a memória social pode se materializar através dos registros feitos por testemunhas e organizados em um ambiente específico para que possam ser preservados e compartilhados, constituindo, assim, os lugares de memória e contribuindo para que a preservação e disseminação de aprendizados, fatos e eventos seja possível.

## **2.1 A memória e o idoso**

Segundo Bergson (1956 *apud* BOSI, 1987, p. 11-12), existem dois conceitos para a compreensão da memória: a de memória hábito, aquela lembrança que se dá através das relações sociais e que através do hábito se torna parte do dia a dia, e o conceito de lembrança pura, aquela que está voltada para uma lembrança individual, pontual e única, vindo à tona através da imagem-lembrança. Levando em consideração a colocação de Bergson, Bosi (1987) questiona se as pessoas idosas não estariam vivendo entre a evocação da memória hábito e da memória pura, uma vez que o seu aprendizado já não é algo que recebe tanto foco, e o seu cotidiano se transforma na alternância entre ambas as memórias. A autora afirma que o velho, quando recorda, “[...] não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: está ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1987, p. 23).

Nesse contexto, Bosi (1987) discorre sobre a questão da memória de pessoas idosas e aponta que essa parte da população tem uma memória mais definida do que a de uma pessoa adulta, tendo em vista que os idosos já passaram da fase de suas vidas em que sua atenção no presente era constantemente solicitada; dessa forma, na velhice, eles podem reviver suas memórias e a história social de uma forma mais intensa, onde sua função primordial passa a ser a de se lembrar. Por isso, em seu livro, a autora coloca que:

O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura entendê-las, ele interroga outros velhos, compulsiva seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de entendê-lo por escrito (BOSI, 1987, p. 23).

Desse modo, percebe-se que existe uma diferença entre a memória do idoso e a memória do adulto, pois o último, ao lembrar, está procurando memórias que se relacionem com o seu contexto atual, uma vez que esta parte da população está preocupada com eventos que vivem no momento, e suas memórias são definidas pela ação no presente (BOSI, 1987).

Porém, por falta de compreensão acerca da importância que as pessoas idosas têm para a sociedade e por ser ignorado o fato de que são como um “arquivo vivo” da memória social, grande parte da memória e história de um grupo se perde (VALENÇA; REIS, 2015). Assim, as autoras afirmam que a pessoa idosa, quando compartilha suas memórias com outras pessoas, não está apenas propagando a sua memória individual de um acontecimento, mas está contribuindo para a construção da memória social do grupo no qual está inserida (VALENÇA; REIS, 2015).

Por isso, Lima e Simson (2010) dissertam sobre como a questão da velhice deve ser enxergada para além de características biológicas, para que se reconheça o caráter e a importância cultural e social que essas pessoas carregam, de sua contribuição para a sociedade através de suas crenças, valores e vivências. Já sobre a importância das pessoas idosas para a construção da identidade e para contribuir para o desenvolvimento e aprendizado das próximas gerações, Valença e Reis (2015, p. 266) afirmam que é preciso ouvir o que elas têm a dizer para que elas “[...] possam revelar suas histórias, experiências do que viveram e as expectativas do que ainda está por vir”.

Barros (2006, p. 113), ao discutir sobre a experiência dos idosos na fundamentação e representação da trajetória de vida, diz que:

A experiência de vida, valorizada pelos mais velhos como um dos poucos ganhos da velhice, é o fundamento da narrativa da memória e, do ponto de vista de quem lembra, a experiência é uma interpretação de seu passado. Mas a experiência e a memória devem ser estudadas, não na sua essência mas no processo de sua construção pelos sujeitos sociais. O trabalho de entendê-las é uma outra interpretação, agora uma interpretação da produção do conhecimento trazido pela narrativa das lembranças.

Por esta razão, Chauí (1987) aponta que é importante lutar pelos idosos pois estes são uma peça significativa para a cultura, uma vez que, com eles, é possível preservar o passado ao mesmo tempo em que se prepara o futuro. Com a colocação da autora, observa-se que essas pessoas foram deixadas indefesas e pararam de ser consideradas como membros importantes e ativos para a sociedade uma vez que “a função social do velho é lembrar e aconselhar [...]” (CHAUI, 1987, p. 18). A autora também destaca que essa função se perde na sociedade capitalista, contexto em que se ignora o que essas pessoas têm a dizer e descredibiliza suas memórias. Segundo sua colocação, os idosos são constantemente oprimidos pela sociedade capitalista de diferentes formas, sendo engolidos pela burocracia, pela incapacitação que a sociedade lhes atribui, por questões de saúde e sociais, e acabam se tornando meros figurantes na questão social e perdendo a consideração, a importância e suas vozes. Neste contexto, Chauí (1987, p. 18) questiona:

Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si mas somente para o outro. E este outro é um opressor.

Ao discutir sobre o velho na sociedade industrial, Bosi (1987) afirma que a velhice é uma categoria social, o que reafirma que essa parte da população é deixada de lado quando

alcança o “declínio biológico”, fator que resulta em suas antigas funções sendo passadas para os mais jovens, ao ponto em que suas novas funções se tornam outras completamente diferentes de seu cotidiano. Eles são, então, rejeitados pela sociedade e colocados como inúteis, não importantes e não produtivos. Desse modo, a autora aponta que os idosos eventualmente são excluídos da sociedade e são obrigados a ceder seus lugares para os mais jovens, ao mesmo tempo em que precisam aceitar serem deixados de lado.

Bosi (1987) aponta que, ao não ter paciência com os velhos para ouvir seus conselhos, aprendizados e histórias, é a sociedade quem perde e, ao calar o velho, ele pode se silenciar e deixar de contar suas memórias, e destaca: “O velho é alguém que se retrai de seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Então, a velhice desgostada, ao retrair suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo” (BOSI, 1987, p. 41).

Assim, ao dar voz a essas pessoas, a construção da memória coletiva de um grupo passa a ser compartilhada, fazendo com que outras pessoas ouçam e deem atenção ao que está sendo falado, compreendendo, desse modo, de onde vieram, qual sua história e, com isso, construindo novos sentidos. Valença e Reis (2015, p. 272) apontam que “[...] a memória é conhecimento quando se apresenta como um processo de aprender-ensinar-construir, de fazer-desfazer-refazer”. Por isso, Bosi (1987) destaca que, sem os velhos, a educação da pessoa adulta seria incompleta, pois é a partir de suas memórias que se torna possível o reviver do que foi perdido, além de recuperar histórias, tradições, já que os velhos podem manter presentes as pessoas que já se foram e que eles outrora conheceram, “[...] pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar” (BOSI, 1987, p. 32).

Tais colocações possibilitam destacar a ideia de que ter as memórias de idosos registradas, armazenadas e disseminadas pelas bibliotecas através de relatos e de lembranças compartilhadas entre um grupo social pode contribuir para o reconhecimento do passado pelas novas gerações com uma possível proximidade afetiva, uma vez que “quem transmite suas lembranças é, na verdade, um mediador entre gerações” (BARROS, 2006, p. 113). Por isso, na próxima seção serão expostas as bibliotecas públicas e comunitárias, bem como suas contribuições como espaços de memória.

### 3 A BIBLIOTECA PÚBLICA E A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Gomes (2014) discute sobre a necessidade inerente ao ser humano de preservar suas memórias, aspecto que resultou no desenvolvimento de diversas formas de expressão, sendo uma delas a escrita. Deste modo, a preservação e o registro de características que representam um grupo social passaram a ser possíveis através dos manuscritos. A partir deste ângulo, surge, também, o desejo de organizar as informações produzidas por esses grupos para facilitar seu acesso, e Gomes (2014) aponta que essas necessidades derivam de dois comportamentos próprios do ser humano: o comportamento informacional e o comportamento preservacionista. A autora destaca que tais comportamentos deram início à formação das bibliotecas.

Neste contexto, Rodrigues (2014) disserta sobre o surgimento das bibliotecas e, em concordância com a colocação de Gomes (2014), aponta que seu surgimento tem ligação direta ao surgimento da escrita, uma vez que:

As primeiras instituições que se tem notícia tinham uma função marcadamente utilitária: serviam como depósitos onde se guardavam documentos de maneira sistemática e organizada. Ao longo de sua evolução, assumiram diferentes funções, ampliando sua atribuição meramente utilitarista e, segundo sua missão, acervo e público a que se destinam, dividiram-se em diferentes categorias: públicas, privadas, acadêmicas, infantis, especializadas, temáticas etc (RODRIGUES, 2014, p. 69).

Segundo Almeida Júnior (2013), a biblioteca pública surge nos Estados Unidos e na Europa no século XIX, em específico no ano de 1850. Para o autor, existem três características que a difere das demais bibliotecas, sendo estas o fato de ser “[...] mantida integralmente pelo Estado; com funções específicas e com a intenção de atender a toda sociedade” (ALMEIDA JÚNIOR, 2013, p. 66). Ainda, em sua análise sobre o surgimento das bibliotecas públicas e o contexto no qual estavam inseridas, ressalta:

A origem da biblioteca pública não pode ser entendida, simplificada, como oriunda dos reclamos das classes populares ou, inversamente, pelas benesses das classes detentoras do poder. Aquele momento histórico (meados do século XIX) levamos a reconhecer a influência, a mescla, a intersecção dessas e de outras causas. A biblioteca pública surge, não isoladamente, deslocada dos acontecimentos e da situação da sociedade daquela época. Ao contrário, ela está imersa nas transformações, nas mudanças e alterações daquela época e, assim, deveria continuar participando de cada cenário histórico, cenários não estanques, mas dinâmicos e em constante mutação. A biblioteca pública deve ser reflexo e causa das transformações da sociedade; deve receber influências, interferir, ser início, meio e fim das alterações sociais, numa sequência interminável (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 22 *apud* ALMEIDA JÚNIOR, 2013, p. 67-68).



Assim, entende-se que a biblioteca pública surge como um espaço aberto a todos e que pode ser denominada como um ambiente social e cultural que tem por objetivo atender às demandas e necessidades da sociedade e fazer com que a informação seja disponibilizada, uma vez que as bibliotecas públicas podem ser consideradas como espaços de suporte de memória, ideologia e identidade que contribuem para a construção social de uma comunidade (BRITTA, 2010).

Almeida Júnior (2013) afirma que existem quatro grandes funções da biblioteca pública, sendo elas: educacional, cultural, recreacional e informacional. Nesta perspectiva, Gomes (2014) aponta que a biblioteca pública, enquanto espaço social, possui três paradigmas importantes, que são: de conversação cultural, da difusão cultural e da apropriação cultural, e destaca que:

[...] sob esses três paradigmas a biblioteca foi sendo tecida como um ambiente informacional, responsável socialmente não apenas pela preservação do patrimônio cultural da humanidade, mas também como um espaço agenciador da disseminação da diversidade e expressão cultural, e dos processos de apropriação da informação, geradores da criatividade, da inovação e da geração de sentidos (GOMES, 2014, p. 163).

Ainda sobre os paradigmas, Gomes (2014) discute que, tendo a apropriação cultural como um ponto importante para essas bibliotecas, coloca-se o usuário como o fator principal dentro deste ambiente, dando, assim, mais ênfase ao papel do profissional mediador que atua nesses espaços. Nesse sentido, Bernardino e Suaiden (2011) salientam que o papel social da biblioteca pública é o de disponibilizar a informação e facilitar o seu acesso, e colocam:

A Biblioteca Pública, em seu verdadeiro sentido de atuação, livre, aberta, democrática, socializadora, que ao mesmo tempo em que cuida da preservação da memória investe na construção do conhecimento e soma esforços para que transforme e seja transformada para e pelo usuário, e que, em razão deste, possa se tornar um ambiente vivo e efervescente de cultura (BERNARDINO; SUAIDEN, 2011, p. 34).

Para Almeida Júnior (2021), quando a biblioteca segue apenas um de seus objetivos centrais, o de preservação da informação, ela se limita, tanto no espaço físico, quanto na forma como é vista pela sociedade, não atuando plenamente como deveria, pois a biblioteca “[...] trabalha com uma série de ações e atividades que ultrapassam os limites do espaço físico onde ela está instalada e se utiliza de recursos que não se restringem aos tradicionalmente nela encontrados” (ALMEIDA JÚNIOR, 2021, p. 58).

Desse modo, biblioteca pública, enquanto espaço cultural, deve se refazer e se reinventar, focando não apenas na técnica e na preservação bibliográfica, mas na sociedade na

qual serve, pois “consagradas como importantes aparelhos culturais, as bibliotecas assumiram ao longo da história a responsabilidade de reunir tudo aquilo que possa contribuir com o desenvolvimento humano, em nível social, econômico, político, e, sobretudo cultural” (COSTA *et al.*, 2020, p. 406). Por isso, o Manifesto da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), apresenta as bibliotecas públicas e afirma que:

Os serviços fornecidos pela biblioteca pública baseiam-se na igualdade de acesso para todos, independente de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou status social. Serviços e materiais específicos devem ser fornecidos para usuários inaptos, por alguma razão, a usar os serviços e materiais regulares, por exemplo, minorias lingüísticas, pessoas deficientes ou pessoas em hospitais ou prisões (IFLA; UNESCO, 1994, p. [1]).

Ao analisar o uso do termo “biblioteca comunitária”, Machado (2009, p. 81) aponta que “na maioria dos casos, essas bibliotecas poderiam ser caracterizadas, segundo a tipologia biblioteconômica, como bibliotecas públicas, pois possuem o mesmo objetivo, ou seja, democratizar o acesso ao livro e à informação para a comunidade local”. A autora observa que as bibliotecas públicas são criadas a partir de leis estaduais e municipais e são mantidas por algum órgão governamental ou pelo Estado, Município ou Federação, e destaca que esses espaços são públicos e abertos à toda a população, com o objetivo de suprir as necessidades informacionais de seus usuários. Porém, analisando a literatura acerca do tema, Machado (2009, p. 89) expõe algumas diferenças entre as bibliotecas públicas e comunitárias, sendo essas:

1. a forma de constituição: são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural. 2. a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social. 3. o processo participativo gerando articulação local e forte vínculo com a comunidade. 4. a referência espacial: estão, em geral, localizadas em regiões periféricas. 5. o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação.

Por esta razão, Machado (2009) considera as bibliotecas comunitárias diferentes das bibliotecas públicas, pois estas encontram-se mais ligadas às atividades culturais do que à organização da informação, além de serem mais autônomas e flexíveis. Desse modo, autores como Almeida Júnior (2013) afirmam que a biblioteca comunitária se apresenta como uma alternativa para a biblioteca pública, uma vez que, em seu ponto de vista, a biblioteca pública se propõe às necessidades da própria instituição. Assim, Blank e Sarmento (2010, p. 143) destacam: “[...] pode-se pensar a Biblioteca Comunitária como uma alternativa à exclusão social, à desigualdade e às injustiças sofridas por dado grupo social”.

Segundo uma pesquisa realizada por Pereira (2020) “[...] as bibliotecas comunitárias nascem a partir da carência de espaços de informação, cultura e lazer nas localidades, questão que deveria ser suprida pelo poder público”. Esses espaços tendem a surgir por iniciativa das próprias comunidades na qual estão inseridas e estão, em grande maioria, situadas em regiões periféricas do país, onde são geridas e mantidas de maneira autônoma, sem contar necessariamente com o auxílio de bibliotecários ou com apoio governamental (BLANK, SARMENTO, 2010).

No entanto, para Pereira, Coutinho e Silva ([2016], p. [8]), a biblioteca comunitária pode ser criada por outras partes interessadas, além da própria comunidade, como instituições ou projetos que tem como objetivo desenvolver ações para a comunidade, e apontam que “[...] as bibliotecas comunitárias devam ser caracterizadas por possuírem uma gestão comunitária, independentemente da origem de seus recursos ou mesmo de sua vinculação [...]”.

Prado e Machado (2008) ressaltam que cabe à biblioteca comunitária o dever de transformar esses ambientes em locais de cultura e de memória; portanto, tais espaços, enquanto agentes disseminadores da informação e do conhecimento, que preservam a memória coletiva de uma comunidade e possibilitam o acesso à cultura, à literatura e à informação, “[...] manifestam natureza social, educacional e cultural, através das quais se identificam diversas possibilidades de se pensar a informação, como elemento social, bem como a perspectiva de fomento da memória social e comunitária [...]” (SILVA; CAVALCANTE, 2018, p. 1687-1688).

Porém, ambas as bibliotecas, públicas e comunitárias, têm como objetivo principal a democratização do acesso à informação, além de serem espaços de memória e de cultura. Desse modo, reconhecendo a importância destes espaços, Almeida Júnior (2021, p. 66) afirma que “a biblioteca, e é preciso constantemente reafirmar isso, é um espaço de resistência e, mais do que isso, de enfrentamento” (ALMEIDA JÚNIOR, 2021, p. 66).

### **3.1 Bibliotecas como lugares de memória**

Lugares de memória são, para Silveira (2010), espaços que têm como função lembrar que a memória, sozinha, não pode representar a complexidade das experiências humanas e, por essa razão, o autor destaca a necessidade de serem criados espaços físicos ou virtuais com o intuito de preservar a memória de um grupo para que possam servir de apoio à guarda de materiais simbólicos e reconhecidos como elementos de representação coletiva (SILVEIRA, 2010).

Afirmando a importância dos lugares de memória, Silveira (2010, p. 78) destaca que são esses lugares “[...] que têm a função de enfrentar o tempo e as incontingências da morte e do esquecimento, bem como colaborar para que uma dada comunidade estruture suas ações em torno de referenciais identitários comuns”.

Segundo o Manifesto da IFLA e UNESCO (1994) sobre bibliotecas públicas, entre as missões da biblioteca pública estão as de promover o conhecimento da herança cultural e apoiar a tradição oral, sendo assim, as bibliotecas públicas são vistas como espaços de preservação, disseminação e tratamento da memória de um grupo ou comunidade. Por isso, a biblioteca, além de suas diversas funções, também pode ser reconhecida como um importante agente para a preservação da memória social, uma vez que são definidas como locais de memória e de preservação do patrimônio (ANDRADE, 2009, p. 18). Nesta perspectiva, Silveira (2010) aponta que a função social da biblioteca:

[...] está diretamente ligada à missão de preservar, organizar e disseminar os elementos culturais e os insumos de conhecimentos concebidos por nosso fazer racional. Ou seja, enquanto “lugares de memória”, as bibliotecas tendem a reafirmar os saberes e a torná-los móveis, traduzíveis, permutáveis, enfim, tentam dar sentido ao saber e a fazer com que o mesmo se torne um instrumento de reafirmação da "identidade" individual ou coletiva humana. (SILVEIRA, 2010, p. 69).

Discorrendo sobre a biblioteca como um espaço de memória, Rodrigues (2014, p. 81) afirma que são “[...] tanto lugares de memória enquanto espaços físicos [...] quanto repositórios da memória em si, ou seja, espaços onde o ser humano guarda e encontra o pensamento e o conhecimento que não é possível armazenar exclusivamente na mente humana [...]”.

Já Silveira (2010) coloca as bibliotecas públicas como lugares de continuidade, espaços onde a memória, a cultura e o patrimônio se unem para que se forme a identidade que se nutre ao longo do tempo. Neste contexto, as bibliotecas são espaços que tem como responsabilidade resguardar o patrimônio cultural e manter viva a memória das comunidades (COSTA, *et al.*, 2020).

Para Almeida e Lima (2016, p. 61), a biblioteca tem uma relação intrínseca com a cultura e a memória enquanto espaço que preserva, desde as mudanças de suporte de registros de conhecimento ao longo dos anos, até a memória individual e coletiva das sociedades que há muito tempo ocupam esses espaços e, portanto:

[...] seja como espaço físico, como símbolo de uma ordem cósmica ou social ou como forma visível da razão humana, as bibliotecas são lugares que guardam histórias e despertam o fascínio e o encantamento. Lugares onde tais elementos se transmutam, perturbando e excitando fantasias, irmanando o sonho com a ação, além de

provocarem medo e instigarem reações. São lugares de confrontos, de sonhos e de pesadelos. Espaços onde se inscrevem as angústias e as esperanças de uma época, bem como suas contradições e confusões (SILVEIRA, 2010, p. 80).

Assim, Silveira (2010), ao discutir sobre as bibliotecas, aponta que são a memória do mundo e mantêm todos os conhecimentos em um mesmo lugar. De modo que, ter uma biblioteca local, seja pública ou comunitária, para manter um acervo de memória social constituído através de relatos e da identidade da comunidade – principalmente através de relatos de idosos – pode ser uma contribuição positiva para a sociedade, pois estas pessoas se constituem em documentos vivos capazes de transmitir a história do grupo. Por isso, na próxima seção se busca compreender as noções de documento a partir da perspectiva do que pode ser, ou se tornar, um documento.

#### 4 SOBRE A NOÇÃO DE DOCUMENTO

O termo “documento” vem do latim e provém de *documentum*, sinônimo de educação e instrução (SIQUEIRA, 2015). Pode ser definido, a princípio, como um suporte físico para a informação, capaz de comprovar um fato e que possui a finalidade de informar. Já Belloto (2008 *apud* TONELLO; MADIO, 2018, p. 82) compreende documento como “[...] toda manifestação produzida pelo homem [e pela mulher] em razão de registrar uma atividade ou função, seja ela jurídica, científica, artística, cultural ou ainda informacional, independente do meio de transmissão”.

Na época medieval, documento era entendido como prova ou testemunha a partir do valor jurídico que lhe era dado. Porém, foi com Paul Otlet que o termo passou a ter outro significado, pois, no século XIX, Otlet ressignificou documento como a representação concreta de um conhecimento (SIQUEIRA, 2015).

Deste modo, Ortega e Lara ([2010]) apontam que Paul Otlet trouxe a primeira mudança para o campo, pois foi o responsável por tornar mais abrangente a definição do termo, uma vez que os autores destacam que a proposta de Otlet descreve o documento como um registro do pensamento individual e da memória coletiva da humanidade, o qual permite o transporte de ideias e serve de auxílio para a pesquisa, ensino, cultura e lazer, podendo ser este qualquer signo com o potencial de transmitir uma informação (SIQUEIRA, 2012).

Por isso, Otlet (1934, p. 9 *apud* PINHEIRO; BENCHIMOL, [2009], p. [5]) coloca que:

[Documento] compreende não somente o livro, manuscrito ou impresso, mas revistas, jornais e reproduções gráficas de todas as espécies, desenhos, gravuras, cartas, esquemas, diagramas, fotografias, etc. A documentação, no sentido amplo do termo compreende: livros, elementos que servem para indicar ou reproduzir um pensamento, considerado sob qualquer forma.

Nessa mesma linha de pensamento, Dodebei (2001) destaca que o conceito de documento textual é incontestável, uma vez que ele faz parte da vida diária da maioria dos indivíduos. Entretanto, a autora aponta que não apenas os textos podem ser utilizados com a finalidade de provas, mas que outros objetos, monumentos, lugares, formas de arte, eventos sociais e naturais podem ser definidos como documento, pois também possuem a capacidade de transmitir uma informação.

A autora ainda aponta que o conceito de documento deve reunir três preposições, sendo estas:

UNICIDADE – Os documentos que são os objetos de estudo da memória social não são diferenciados em sua essência, ou seja, não se agrupam em categorias específicas, tal como os exemplos tradicionais: o livro para bibliotecas, o objeto tridimensional para museus e o manuscrito para arquivos. VIRTUALIDADE – A atribuição de predicáveis ao objeto submetido ao observador dentro das dimensões espaço-tempo é seletiva, o que proporcionará, arbitrariamente, uma classificação desse objeto. SIGNIFICAÇÃO – A transformação dos objetos do cotidiano em documentos é intencional, constituindo estes uma categoria temporária e circunstancial (DODEBEL, 2001, p. [5]).

Na linha francesa, a noção de documento está associada à comunicação e possui duas perspectivas: a social e a subjetiva. A primeira leva em consideração não apenas o indivíduo que produz um documento, mas todo o contexto social no qual ele está inserido, e a segunda leva em consideração o papel do emissor e receptor na elaboração de mensagens (SIQUEIRA, 2015).

Nesta perspectiva, Suzanne Briet, discípula francesa de Paul Otlet, em sua obra “Qu’est-ce que la documentation?” entende documento como um **registro** de um evento ocorrido, e trata da noção de documento por dois aspectos diferentes: a definição de documento inicial, aquele em que determina que qualquer objeto com a possibilidade de transmitir uma informação pode ser um documento a partir do interesse de quem o avalia, pois basta registrá-lo para que se torne um documento; e o conceito de documento secundário, que surge através da “produção documentária” no contexto em que se cria, a partir da análise do documento inicial, outros documentos, como as traduções, análises ou bibliografias (BRIET, 1951 *apud* ORTEGA; LARA, 2010). Para ilustrar este pensamento, Ortega e Lara (2010) trazem um exemplo de Briet:

[...] ela exemplifica ao tratar de um antílope africano de uma espécie nova que foi encontrado e levado à Europa, tendo sido o fato divulgado nos meios de comunicação. O fato também se torna objeto de uma comunicação na Academia de Ciências e tema de atividades de ensino de um professor de Museu. Adicionalmente, o animal vivo é enjaulado e catalogado (no Jardim Zoológico), quando morto é dissecado e conservado no Museu, emprestado para uma exposição, passando, assim, a ser registrado em documentos impressos (e sob outros suportes) como livros e enciclopédias, os quais compõem bibliotecas e seus catálogos, entre outros (ORTEGA; LARA, 2010, p. [3]).

Já Meyriat (1981 *apud* ORTEGA; SALDANHA, 2019) trata de forma ainda mais ampla a noção de documento e afirma que todo objeto pode passar a ser um documento, tendo sido criado inicialmente para isso ou não, uma vez que a intenção do emissor não é o suficiente para que se defina um documento, mas que este é produto de uma vontade e “nasce” a partir do desejo do receptor de obter uma informação. Por esta razão, o autor aponta que o documento pode existir dentro de duas categorias: a primeira é o contexto em que o documento é criado

com a finalidade de ser um documento, e a segunda é aquela onde o documento passa a ser reconhecido como um suporte para a informação a partir do interesse do receptor, mesmo que não tenha sido criado necessariamente com o propósito de informar, já que “é no momento em que se busca informação em um objeto, cuja função original é prática ou estética, que ‘se faz um documento’” (LARA; ORTEGA, 2010, p. [5]).

Assim, Meyriat (1981 *apud* ORTEGA; LARA, 2010) define documento como um objeto que serve como suporte para a informação, para comunicar e que é durável. O autor ainda aponta que existem duas noções intrinsecamente ligadas para esta definição: a de natureza material, que é o objeto que dá o suporte, e a de natureza conceitual, que é a informação propriamente dita.

Para Pinheiro e Benchimol ([2009]), o documento depende não apenas do autor, mas também do profissional da informação, que é o responsável por registrá-los e organizá-los, independente de seus formatos, já que estes podem ser livros, revistas ou diversos outros objetos diversificados. Esses documentos devem ser organizados corretamente em sistemas de informação para que o acesso aos mesmos seja possível, já que “a atividade documentária desenvolve-se, nesse sentido, a partir da intenção de construir registros que possam ser informativos [...]” (ORTEGA; LARA, 2008, p. 8). Assim, se cria um ciclo de produção-comunicação-transferência-uso da informação (PINHEIRO; BENCHIMOL, [2009]).

Siqueira (2015) afirma que o documento, por si só, não possui função documentária, mas passa a ser entendido desta maneira quando é utilizado como suporte para uma mensagem, com uma função comunicativa e informativa, no qual a autora evidencia a perspectiva subjetiva.

Dito isso, no campo da Ciência da Informação, o documento continua sendo, em síntese, um suporte para a informação, pois, segundo Ortega e Lara (2008, p. 8):

Pode-se dizer que a especificidade da Ciência da Informação é a de construir novos documentos a partir de documentos originais (de autor) ou de dados esparsos (como nos dossiês). Sua função principal é realizar a mediação entre objetos potencialmente informativos e pessoas potencialmente usuárias da informação.

No entanto, Dodebei (2001) afirma que, embora o documento precise ser um suporte físico que transmita uma informação, ele não pode ser definido apenas por estes aspectos. Isso porque o documento também se relaciona com a ideia de prova ou testemunho de uma ação cultural, e por isso também se relaciona, de certo modo, ao conceito de memória social.

Dodebei (2001) aponta que memória social é retida a partir das representações processadas, uma vez que se entende que ao falar sobre a memória, também se fala sobre a



representação. A autora também destaca que a representação pode acontecer de duas formas, sendo elas por meio da reprodução e por meio do isolamento, e por isso: “A representação das ações sociais já significa, de certo modo, o primeiro estágio do processo seletivo para a formação das memórias e, sob certas condições, essas memórias emergenciais podem se transformar em documentos do social” (DODEBEI, 2001, p. [2]).

Ainda segundo o ponto de vista da autora, “se entendermos por memória a manutenção de qualquer recorte de ações vividas por uma sociedade, somos levados a considerar o caráter de imobilização ou o congelamento das ações selecionadas, a fim de que possamos preservar aquele momento social” (DODEBEI, 2001, p. [2]). Desta forma, o conjunto de registros, com o propósito de espelhar os aspectos de uma determinada cultura, ocorre de maneira a interpretar fatos históricos e sociais, criando uma fonte de informação inesgotável para quem for procurá-la.

Para que isso seja possível, Dodebei (2001, p. [3]) explica que “o resultado desse processo se dá, prioritariamente, sob a forma de relatos, que, por assim dizer, se transformam em outros registros, numa cadeia inesgotável de fontes/interpretações”. Com base nesta colocação, entende-se que a memória pode se transformar em documentos a partir de suas representações, e que pessoas ao reproduzirem suas memórias, especialmente as idosas que são abordadas neste trabalho a partir da técnica de história de vida, podem ser consideradas como representações “vivas” das memórias de uma comunidade e podem ajudar a torná-las fixas através de seus relatos.

Além disso, entender que o documento pode passar a existir a partir da necessidade do receptor de obter uma informação e sem necessariamente ter sido criado com este objetivo (MEYRIAT, 1981 *apud* ORTEGA; LARA, 2010), é, também, a partir da perspectiva de Briet (1951 *apud* ORTEGA; LARA, 2010), entender o idoso como um documento inicial, pois, a partir de seus relatos para esta pesquisa, serão criados documentos secundários para compor um acervo de memória.

Na próxima seção, a Vila Residencial - UFRJ será evidenciada para apresentar a comunidade, sua história e seu processo de desenvolvimento e criação.

## 5 A VILA RESIDENCIAL – UFRJ

A Vila Residencial - UFRJ é uma vila de moradores que está localizada no Campus da Cidade Universitária, na Ilha do Fundão. O local que hoje é conhecido como a Vila Residencial - UFRJ está situado sobre a antiga Ilha da Sapucaia, visto que a Ilha do Fundão foi formada pelo aterro de oito ilhas naturais de Manguinhos, sendo estas: Baiacu, Bom Jesus, Cabras, Catalão, Fundão, Pindaí do Ferreira, Pindaí do França e Sapucaia (FREIRE, 2014; FERNANDES, 2019).

É possível apontar que a história da Vila Residencial - UFRJ remete inicialmente à história da criação do campus da Cidade Universitária e da construção da Ponte Rio-Niterói, sendo estes dois marcos de destaque quando se discute sobre seu início.

Em 1944, o Escritório Técnico da Universidade do Brasil (ETUB) foi criado com o objetivo de realizar os projetos e a execução da construção da Cidade Universitária, escolhendo as ilhas de Manguinhos, que logo se tornariam a Ilha do Fundão, como o local para a construção do campus no ano de 1948. Para maior efetividade durante a construção, foram criados canteiros de obra no terreno que hoje constitui a Cidade Universitária, o que resultou também na criação de cerca de dez casas para que alguns funcionários da ETUB pudessem residir próximos ao local de trabalho. Após a criação dessas casas, foram criados também seis barracões perto do local para os operários que migravam de outros Estados para trabalhar na construção (FREIRE, 2014).

O segundo marco remete à construção da Ponte Rio-Niterói, nos anos de 1970, uma vez que a UFRJ cedeu, em 1969, um terreno de 300.000m<sup>2</sup> dentro do campus, localizado no Extremo Sul da Cidade Universitária que não era utilizado pela universidade por condições inapropriadas devido ao antigo vazadouro de lixo da Ilha de Sapucaia, para que passasse a ser um dos seis canteiros de obras da construção da ponte (FREIRE, 2014). Sendo cedido o terreno, foram construídos escritórios, instalações, oficinas, fábricas, entre outros. Além disso, com o grande número de operários que trabalhavam na construção da ponte, se instalou em uma parte do canteiro unidades residenciais e serviços de apoio para que os trabalhadores e suas famílias pudessem ser alojados. A partir deste acontecimento se criou uma pequena cidade que possuía serviços técnicos, 180 residências, um refeitório, uma escola e uma praça de esportes (RODAGEM, BRASIL, [s. d.] *apud* FREIRE, 2014).

No entanto, após o término das obras da Ponte Rio-Niterói, ficou nítido que algumas pessoas estavam relutantes em deixar os alojamentos pois não tinham para onde ir, tendo sido ameaçados de ter que pagar aluguel para a universidade caso ficassem (ECEX..., 1978 *apud*

Freire, 2014). Algumas das residências utilizadas para as obras da ponte já haviam sido devolvidas, e a UFRJ, ao perceber que ainda havia funcionários do Escritório Técnico da Universidade (ETU) da antiga obra da Cidade Universitária residindo nos alojamentos construídos para as obras, além dos moradores das antigas ilhas que também passaram a trabalhar como operários e posteriormente integraram o corpo técnico e administrativo da universidade, decidiu criar um complexo residencial para abrigar todos em um mesmo local. Desse modo, a Vila Residencial - UFRJ foi criada, constituindo uma área de 122.640m<sup>2</sup> dentro da Ilha do Fundão, localizada na região norte do Rio de Janeiro (FREIRE, 2014).

Os moradores da Vila são inicialmente divididos entre aqueles que residiam nas ilhas que posteriormente se tornaram campus da universidade, aqueles que vieram para trabalhar em sua construção, e também os que vieram para trabalhar na construção da Ponte Rio-Niterói (FERNANDES *et al.*, 2017).

Segundo Freire (2014), a habitação da Vila se deu em três contextos distintos, com três grupos que passaram a ser os moradores da Vila Residencial - UFRJ. O primeiro grupo foi formado pelos operários que trabalharam na construção da Cidade Universitária e que residiam em outros locais da Ilha, mas que na década de 1970 foram informados de que suas casas seriam demolidas para que continuassem a construção da universidade, de modo que deveriam ir para a área onde ficava o canteiro de obra da Empresa de Construção e Exploração da Ponte Presidente Costa e Silva/Empresa de Engenharia e Construções de Obras Especiais (ECEX) e pelos ex operários da construção da ponte que já residiam no antigo canteiro de obras. O segundo grupo foi formado por moradores que já residiam nas antigas ilhas antes da criação da Cidade Universitária e a universidade tentou forçá-los a deixar o local, fazendo com que deixassem suas residências e fossem morar na Vila Residencial - UFRJ. O terceiro grupo, denominado por Freire (2014, p. 109) como “os que chegaram depois”, é composto por funcionários da UFRJ que, por iniciativa própria, ao buscar por locais mais próximos do campus da Cidade Universitária para viver, recorrendo à Vila Residencial - UFRJ como uma das principais opções. Em sua pesquisa, Freire (2014) recolhe relatos desses moradores, que afirmavam que a infraestrutura não era das melhores, mas que ficaram por ali pela proximidade com seus ambientes de trabalho e pelo valor. Nesse grupo também estão incluídas as pessoas que não possuem vínculos com a UFRJ, mas que recorreram à Vila Residencial - UFRJ devido à maior segurança em relação a outros bairros próximos, além de questões financeiras.

Há, no entanto, uma distinção entre esses grupos, visto que os primeiros foram forçados a se mudar, enquanto o último foi por vontade própria. Esses grupos se “chocam” em certo ponto, pois os antigos moradores sentem que os novos não entenderão a comunidade que ali

fora criada, pois estes possuem vínculos antigos com a universidade. Nesse sentido, Freire (2014, p. 118) afirma que “os que chegaram depois na Vila Residencial - UFRJ não percebiam os moradores anteriores como diferentes deles sob nenhum aspecto, afinal, a princípio quase todos eram funcionários da UFRJ [...]”, porém, os moradores mais antigos faziam uma distinção significativa com os novos moradores, pois não os consideravam como parte da comunidade (FREIRE, 2014).

Além desses grupos citados por Freire (2014), na Vila Residencial - UFRJ também residem os estudantes da UFRJ que não conseguiram alojamento na universidade e recorreram a aluguéis de quartos na Vila, também por critérios financeiros e de proximidade. Alguns moradores criam repúblicas e quitinetes com a finalidade de abrigar esses estudantes (FREIRE, 2014). Segundo dados levantados por Pereira e Coutinho (2018, p. 3765), “estima-se que há, atualmente, em torno de 4.000 pessoas residindo na Vila Residencial - UFRJ, entre funcionários e estudantes da UFRJ, além de famílias não vinculadas à Universidade”.

Com o passar dos anos, os moradores foram se apropriando do espaço, desenvolvendo uma identidade social entre si (FERNANDES *et al.*, 2017, p. 37). Desta forma, foi constatado que a Vila possui algumas igrejas evangélicas e uma católica, sendo caracterizada como uma comunidade religiosa. Seu comércio conta, em maioria, com mercadinhos, bares e lanchonetes. A Vila tem o acesso limitado, pois só é possível através de transporte próprio ou do ônibus circular da própria UFRJ, que funciona de maneira gratuita e liga todo o campus da Cidade Universitária (FREIRE, 2014). Em relação à saúde, existe o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF/UFRJ), mas como esse não atende emergências, os moradores recorrem a outros hospitais nas redondezas. Além disso, têm também os estudantes dos cursos da área de saúde que realizam projetos de extensão na Vila (FREIRE, 2014).

No ano de 1980, a Associação de Moradores e Amigos da Vila Residencial - UFRJ (AMAVILA) foi criada com o objetivo de “[...] organizar a luta pelo direito de moradia em condições de salubridade e dignidade” (FERNANDES *et al.*, 2017, p. 38), e procura:

- a. Representar a Comunidade junto às autoridades federais, estaduais e municipais; b) Reivindicar daquelas autoridades os melhoramentos de que necessita a Comunidade; c) Colaborar com as autoridades constituídas; d) Defender os legítimos interesses da Comunidade; e) Promover o conagraçamento entre os membros da Comunidade; f) Estimular a prática da legalidade e do espírito de civismo, através do estímulo da cultura, do esporte e demais atividades cívico-culturais (FREIRE, 2014, p. 175).

A luta pelo direito de moradia se tornou ainda mais presente a partir do posicionamento de José Henrique Vilhena, ex-reitor da UFRJ que atuou de 1998 a 2002 (UFRJ, c2022), de

remover a Vila Residencial - UFRJ do campus Cidade Universitária, pois os moradores e a AMAVILA decidiram se organizar para que pudessem lutar por seus direitos, resultando na criação de uma direção por um colegiado subdividido em três conselhos: diretor, deliberativo e fiscal (CONEXÃO, 2004).

Além disso, e em constante busca por melhorias de qualidade de vida para a população e na luta pela urbanização, a Vila Residencial - UFRJ, em conjunto com a Reitoria da UFRJ e através de um programa da Pró-Reitoria de Extensão (PR-5), buscou criar uma ligação entre a Vila e a universidade com o objetivo de “utilizar o local como um laboratório social, fazendo uso das diversas áreas do conhecimento que a própria instituição possui, baseado em 3 pilares: saúde, educação e desenvolvimento social, e urbanismo” (CONEXÃO, 2004, não paginado). O programa é realizado através de uma troca entre a instituição e os moradores, onde se criam projetos de extensão universitária voltados para áreas específicas que atendam às diversas necessidades da comunidade.

Segundo os artigos 13 e 14 do regulamento de extensões da UFRJ, um programa de extensão é constituído da seguinte forma:

As ações de extensão podem se organizar como Programas, desde que haja pelo menos 3 (três) ações, sendo pelo menos dois projetos, com objetivos comuns ou correlatos, propiciando uma articulação de ações interdisciplinares, com participação de professores, alunos e técnicos de diversas unidades e centros da UFRJ. Art. 14 A apresentação de propostas de ações articuladas a um Programa de Extensão Universitária deverá observar os seguintes procedimentos: I. Registro do Programa em formulário do Sistema de Informação e Gestão adotado pela Pró-Reitoria de Extensão, constando as ações de extensão que a ele se vinculam; II. Todos os cadastros das ações de extensão vinculados a um Programa devem indicar esse vínculo. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2020, p. 7)

O ex Reitor Carlos Lessa, que atuou de julho de 2002 à março de 2003 (UFRJ, c2022), foi quem fez o primeiro contato com a Vila e deu apoio à criação dos projetos na Vila Residencial - UFRJ (VILA..., 2011). Foi criado um programa de extensão na Vila Residencial – UFRJ inicialmente coordenado pela professora Selene Alves, que então fazia parte da PR-5, pelo professor Pablo Benetti da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), e por Rejane Gadelha da AMAVILA (CONEXÃO, 2014). O programa de extensão também teve como coordenadora a professora Regina Zeitoune, tendo sido descontinuado entre 2016 e 2017, e foi reconstruído novamente com a coordenação de Selene Alves em 2020 e intitulado como “Programa Vila Residencial & Aprendendo à Cidadania Ativa: Circularidade em Rede no Saber, Fazer e Compartilhar”. O programa atualmente possui 6 ações de extensão, sendo 5

projetos e 1 curso, além de alguns projetos que atuam desvinculados do programa. No momento em que o programa foi descontinuado, as ações de extensão com a Vila não pararam, pois diversos projetos continuaram atuando na Vila.<sup>1</sup>

Um exemplo de projeto são os dos cursos da área da saúde, pois os alunos possuem a possibilidade de praticar na Vila atendendo os moradores em suas casas e também no prédio da AMAVILA. Estes cursos estão presentes na comunidade realizando exames, fazendo campanha de vacinação, atendimentos odontológicos, entre muitos outros (A HISTÓRIA..., [2016]). Os professores entendem que este projeto é uma via de mão dupla, pois a faculdade tem a possibilidade de trazer a prática da saúde pública para os alunos, ao mesmo tempo em que a comunidade passa suas demandas para os professores (A HISTÓRIA..., [2016]). Além disso, a Vila também passou por um projeto do curso de arquitetura da UFRJ, que tornou possível o acesso ao saneamento básico na Vila Residencial - UFRJ (VILA..., 2011).

Um dos maiores e mais recorrentes problemas da Vila Residencial - UFRJ são as enchentes, pois a Vila se situa nas margens da Baía de Guanabara. Em 2020, mais de 2 mil moradores sofreram com os estragos provocados pelas chuvas, mas esse é um problema que até hoje assombra os moradores (VILA..., 2020).

Além disso, um problema que ainda não foi solucionado é a regularização da posse das terras, visto que os moradores procuram há anos pelo cadastramento para que possam regularizar as posses e serem proprietários do que já pertence a eles, mas até o presente momento ainda não conseguiram. Em uma reportagem feita pela TV Brasil em 2011 é possível visualizar que eles já estavam lutando por seus direitos, mas até hoje, 11 anos depois, ainda não conseguiram a regularização fundiária. (VILA..., 2011).

Atualmente, um grupo de moradores solicitou a criação de uma biblioteca comunitária de memória com o objetivo de construir a memória social e reforçar a identidade local. Nesse sentido, o presente trabalho visa contribuir com o início deste processo, estabelecendo uma relação com a Vila Residencial - UFRJ e possibilitando aos moradores contar as suas histórias para organizar o acervo de memória e disponibilizar o conhecimento das lutas sociais e locais da comunidade.<sup>2</sup>

## **5.1 Breve apresentação sobre a Biblioteca Comunitária na Vila Residencial – UFRJ**

---

<sup>1</sup> Informações obtidas com o projeto de extensão “Biblioteca Comunitária na Vila Residencial”.

<sup>2</sup> Informações obtidas com o projeto de extensão “Biblioteca Comunitária na Vila Residencial”.

Pereira, Coutinho e Silva (2016) apontam que são escassas as atividades de lazer, saúde e cultura na Vila Residencial - UFRJ, e que geralmente tais atividades acontecem através de projetos de extensão da UFRJ ou por desenvolvimento da AMAVILA. Por isso, surge o projeto de extensão “Biblioteca Comunitária na Vila Residencial - UFRJ”, como parte do programa de extensão da Vila Residencial - UFRJ e em parceria com a AMAVILA.

A Biblioteca Comunitária na Vila Residencial - UFRJ passou existir em 2014 a partir de uma demanda da própria comunidade que fez, através da AMAVILA e da então coordenadora do programa de extensão, uma solicitação ao curso de Biblioteconomia para a construção de uma biblioteca, visto que a comunidade já possuía um acervo de livros (SILVA, PEREIRA, COUTINHO, 2017). A biblioteca funciona com a coordenação dos professores Patrícia Mallmann, Luciano Coutinho e Danilo Pestana, além de estudantes de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação e alunos de outros cursos interessados no projeto.<sup>3</sup>

O objetivo central do projeto é o de “[...] implantar e manter uma biblioteca comunitária em parceria com a comunidade local, dando suporte às atividades comunitárias e servindo de espaço público de agregação, informação, lazer, aprendizado e memória local” (SILVA, PEREIRA, COUTINHO, 2017, p. 2099).

Inicialmente, a biblioteca não possuía um espaço para funcionar, de modo que, em 2015, as atividades eram realizadas na praça da Vila, com mediação de leitura e empréstimo de livros; esta atividade era denominada “Biblioteca à Céu Aberto”. Em 2016, a biblioteca ganhou um espaço em um galpão para manter o acervo, criando, também, uma política de desenvolvimento de coleções (SILVA, PEREIRA, COUTINHO, 2017). Em relação ao público da biblioteca, esse é formado, em grande maioria, por crianças, mas a biblioteca se dispõe a atender a todo o público interessado, incluindo os moradores da Vila e alunos da UFRJ (PEREIRA, COUTINHO, SILVA, 2016). O seu acervo é composto por doações, sendo estas de moradores, professores, estudantes ou qualquer pessoa que tenha interesse em ajudar para o desenvolvimento da biblioteca.<sup>4</sup>

Em 2019, a biblioteca foi transferida do galpão para uma salinha na AMAVILA, pois o galpão pegava chuva com frequência, e uma parte do acervo acabou se perdendo. No novo espaço, ficou nítido que o acervo era extenso para o espaço disponível, além de ser composto por alguns livros danificados pelas chuvas, duplicatas, livros didáticos desatualizados e livros que poderiam não interessar o público alvo, de modo que foi preciso reavaliar todo o acervo

---

<sup>3</sup> Informações obtidas com o projeto de extensão “Biblioteca Comunitária na Vila Residencial”.

<sup>4</sup> Informações obtidas através do resumo apresentado na 11ª Semana de Integração Acadêmica intitulado como “Desenvolvimento de coleções da Biblioteca Comunitária da Vila Residencial no ano de 2019”

para definir as prioridades, resultando em uma atualização na política de desenvolvimento de coleções a partir da necessidade de melhor organizar e definir o acervo da biblioteca. No inventário realizado em 2019, a biblioteca possuía um total de 387 livros, sendo 34,1% composto por livros didáticos, 20,7% de literatura infantojuvenil, 12,4% de literatura geral, 11,6% de gibis, 10,6% de autoajuda ou religião e 10,6% de referências. Esses livros começaram a ser inseridos no software Biblivre, sendo este um software livre para o uso em bibliotecas, porém o computador disponibilizado para a biblioteca parou de funcionar, e os livros passaram a ser catalogados manualmente. Ainda durante o ano de 2019, a biblioteca funcionava para empréstimo e consulta de segunda à sexta, de 10h às 16h, com alguns sábados no mês para a realização de mediação de leitura para as crianças, além da participação em alguns eventos na Vila Residencial - UFRJ, sempre objetivando a democratização do acesso à cultura e à informação.<sup>5</sup>

Em 2020, com o início da pandemia e do isolamento social, a biblioteca precisou ser fechada. Atualmente, o objetivo da biblioteca é criar uma biblioteca digital com um acervo de memória local, visando disseminar e preservar a memória local, bem como a identidade cultural do grupo. O acervo será composto tanto por relatos de moradores, quanto por materiais já existentes e disponíveis sobre a história da Vila Residencial - UFRJ. Alguns desses materiais a comunidade já possui, e o projeto vêm buscando uma plataforma para a construção da biblioteca digital, além de um planejamento para a organização dos documentos (DUARTE, 2022, p. [12]).

Na próxima seção pretende-se explicar a metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa.

---

<sup>5</sup> Informações obtidas com o projeto de extensão “Biblioteca Comunitária na Vila Residencial”.



## 6 METODOLOGIA

A pesquisa realizada possui um caráter exploratório pois foi constatado que não há muita literatura disponível sobre o assunto abordado, o que, segundo Gil (2008), torna difícil a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis. O autor também destaca que esta pesquisa tem como objetivo: “[...] proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 2008, p. 27).

A pesquisa possui uma abordagem de cunho qualitativo e os dados foram coletados através das técnicas de entrevista por pautas e de história de vida. A pesquisa qualitativa foi adotada pois possibilita uma “[...] relação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, que embora perpassada por relações de poder, constitui momento de construção, diálogo de um universo de experiências humanas” (SILVA *et al.*, 2007, p. 27).

### 6.1 Campo de observação

Deslandes (2007) aponta que o campo de observação deve ser entendido como os locais e os sujeitos que serão incluídos, o motivo das inclusões e em qual proporção será feita.

Deste modo, utilizou-se da pesquisa de campo para a coleta de dados, pois esta torna possível a obtenção de dados em conjunto com a comunidade. Sobre isto, Mynaio (2007, p. 26) destaca:

O trabalho de campo consiste em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na primeira etapa. Essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros.

Mynaio (2007a) ainda afirma que o trabalho de campo permite a aproximação do entrevistador com a realidade da questão formulada, além de estabelecer uma interação com os indivíduos.

A Vila Residencial - UFRJ foi escolhida a partir da perspectiva de que a comunidade, enquanto grupo social, possui memórias que foram construídas coletivamente ao longo do tempo, e que acredita-se que a Biblioteca Comunitária na Vila Residencial pode trabalhar em conjunto com os moradores para documentar suas histórias. Por isso, a pesquisa foi realizada com pessoas idosas que vivem na Vila Residencial - UFRJ, uma vez que se entende que estas detêm diversas memórias que podem ser construtivas para a comunidade como um todo, auxiliando na compreensão da história da Vila, sua cultura, costumes e lutas sociais.

## 6.2 Técnicas de coletas de dados

As técnicas de abordagem qualitativa utilizadas para a coleta de dados foram a de história de vida e a entrevista por pautas.

A entrevista foi adotada por permitir que se conheça a pessoa que será entrevistada, criando uma relação entre a entrevistadora e o entrevistado, o que possibilita uma proximidade com o objeto de estudo e com o que ele representa, uma vez que se entende que

[...] a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (SELLTIZ *et al.*, 1967, p. 273 *apud* GIL, 2008, p. 109).

A história de vida é definida como: “[...] uma entrevista em profundidade na qual o pesquisador constantemente interage com o informante. Sua principal função é retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 73).

Nesse sentido, a técnica foi adotada pois oferece ao entrevistado a possibilidade de contar a sua história da forma como achar melhor, a partir de suas próprias percepções e do sentido que dá a sua vida (SILVA *et al.*, 2007), além de contribuir para a criação de uma relação de proximidade entre a entrevistadora e o objeto de estudo.

Sobre isso, Silva *et al.* (2007, p. 27) ressalta:

Emolduradas na metodologia qualitativa, as abordagens biográficas caracterizam-se por um compromisso com a história como processo de rememorar, com o qual a vida vai sendo revisitada pelo sujeito. Neste contexto, a memória é algo presente na existência do homem, o que implica numa valiosa importância de seu resgate cuidadoso e ético.

Destaca-se, ainda, o uso da história de vida pois através dela se pode “[...] dar voz àqueles cujo discurso foi calado ou teve pouca influência no discurso dominante” (Paraná, 1996 p. 317 *apud* SILVA *et al.*, 2007, p. 32).

Já a entrevista por pautas foi escolhida pois este tipo de entrevista “[...] se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” (GIL, 2008, p. 112), de maneira que dá a liberdade para o entrevistado falar do seu próprio modo ao mesmo tempo em que permite que a conversa seja direcionada para o assunto abordado. Por esta razão, buscou-se elaborar um roteiro de entrevista capaz de abranger os assuntos abordados

nesta pesquisa e que possibilitou dar abertura para o entrevistado responder como considerasse melhor.

O roteiro de entrevista se encontra disponível no Apêndice A e foi dividido em cinco eixos temáticos, sendo estes: Eixo 1: Sobre os entrevistados. Neste eixo o objetivo era identificar quem eram os entrevistados e definir suas características; Eixo 2: Relação com a Vila Residencial - UFRJ. Neste eixo o objetivo era compreender como o indivíduo se relacionava com a Vila, desde suas opiniões sobre o espaço e vivências, até como se entendia como morador e ator político e social na comunidade; Eixo 3: Lazer e cultura. Neste eixo foram elaboradas questões sobre a relação dos entrevistados com o lazer e a cultura dentro da Vila Residencial - UFRJ, além de delimitar se as bibliotecas públicas e comunitárias faziam parte de suas vidas; Eixo 4: Documentos. Aqui se buscou efetivamente responder à questão de como os indivíduos se sentiam sobre ter suas memórias documentadas e sobre os impactos que esta ação causaria; Eixo 5: Memórias. Neste eixo o entrevistado foi incentivado a compartilhar suas memórias e contar sua história na Vila Residencial - UFRJ desde o momento em que chegou na Vila, até onde pudesse se lembrar, utilizando a técnica de história de vida para que o indivíduo pudesse compartilhar abertamente suas memórias, sendo as perguntas utilizadas apenas para auxiliar no processo.

### **6.3 População e amostra**

Para Gil (2008, p. 89), um universo ou população “é um conjunto definido de referência ao total de habitantes de determinado lugar”, que, no presente trabalho, são os moradores da Vila Residencial - UFRJ.

O autor define a amostragem como “[...] uma pequena parte dos elementos que compõe um universo” (GIL, 2008, p. 89). Na pesquisa foi utilizada a amostragem intencional pois “é formada por elementos escolhidos por determinado critério, ou seja, escolhe-se intencionalmente um grupo de elementos que irão compor a amostra” (LANDIM, 2003, p. 30). Deste modo, foram escolhidas as pessoas que cumpriam os requisitos da pesquisa, sendo estas pessoas com mais de 60 anos que vivem na Vila Residencial - UFRJ e/ou pessoas com mais de 50 anos que também vivem na Vila Residencial - UFRJ e possuíam alguma atuação política na Vila, de modo a colaborar para a construção política e social da história da comunidade.

Assim, para a elaboração da amostra, a AMAVILA auxiliou na seleção de pessoas que pudessem contribuir para a pesquisa, e foi criada uma relação entre a pesquisadora, a orientadora e a associação dos moradores para que os entrevistados fossem selecionados. Cinco

peças foram entrevistadas, sendo destas apenas uma com menos de 60 anos – que possuía influência na Vila e contribuiu para a seleção das demais, estando neste grupo duas mulheres e três homens. Para a efetivação das entrevistas, a autora entrou em contato com os indivíduos, tanto pessoalmente, através de visitas à Vila Residencial - UFRJ, quanto via Whatsapp por contatos compartilhados pelo membro da AMAVILA e pela orientadora. As pesquisas foram realizadas em locais definidos pelos entrevistados, onde melhor fosse confortável para eles, e tiveram duração média de 24 minutos, sendo a mais rápida, e 1 hora e 34 minutos, a mais longa. Por ser uma pesquisa desenvolvida com pessoas, foi necessário desenvolver um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que se encontra no Apêndice B, para que os entrevistados pudessem compreender melhor a pesquisa, e também para que a universidade pudesse estar ciente do consentimento dos entrevistados. Todos os termos foram assinados e se encontram em posse da autora. Uma cópia do termo foi disponibilizada a todos os entrevistados.

#### **6.4 Análise de dados**

A análise de dados foi realizada através da análise de conteúdo que Bardin (1997, p. 42) define como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

As entrevistas foram gravadas e transcritas no computador pessoal da autora, e posteriormente colocadas em categorias, sendo divididas em: a) caracterização dos entrevistados, b) percepções sobre viver na Vila atualmente, e c) memórias. A análise dos dados será exposta na próxima seção e apresentada conforme as categorias definidas.

## 7 (RE) LEMBRANDO E (RE) VIVENDO

Nesta seção foi desenvolvida a análise dos dados que foram coletados através das entrevistas realizadas pela autora. Os trechos citados diretamente através da fala dos entrevistados e sem alterações foram apresentados por citações em itálico e escritos do mesmo modo em que foram falados, já os aspectos extrínsecos da fala, como interrupções, risos, entre outros, foram apresentados entre parênteses dentro dos trechos citados.

A análise foi dividida em três tópicos com o intuito de responder ao problema de pesquisa, sendo este: “Como criar uma relação entre as pessoas idosas e as bibliotecas públicas e comunitárias para preservar a memória coletiva de um grupo ou comunidade?”, de modo que esta seção será apresentada seguindo a seguinte ordem: 1. Realizar a análise do perfil dos entrevistados para caracterizá-los; 2. Contar a história da Vila Residencial - UFRJ a partir da fala e dos sentidos dados pelos entrevistados; 3. Analisar como os entrevistados enxergam a Vila Residencial - UFRJ atualmente.

### 7.1 O indivíduo por trás da história

A amostra do presente estudo foi elaborada com cinco moradores da Vila Residencial - UFRJ e esta seção será apresentada com o objetivo de caracterizar os entrevistados, expondo como se relacionam com a Vila, suas idades e outros aspectos necessários para a compreensão de seus relatos. Os entrevistados foram apresentados como E1, E2, E3, E4 e E5, seguindo a ordem em que as entrevistas foram realizadas para que suas identidades não sejam expostas. As perguntas selecionadas para apresentar os entrevistados foram retiradas dos Eixos 1, 2 e 4.

No quadro 1, os entrevistados são apresentados para que se conheça os indivíduos e quais são as suas relações com a UFRJ.

**Quadro 1** – caracterização dos entrevistados.

<b>Código</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão/ocupação</b>	<b>Relação com a UFRJ</b>	<b>Quantas gerações vivem ou viveram na Vila Residencial - UFRJ</b>
E1	Feminino	68 anos	Vende doces	Ex mulher de um funcionário.	Todos os filhos e netos.
E2	Masculino	56 anos	Servidor público	O pai era funcionário e o entrevistado também é funcionário,	Quase todas as gerações.

				atualmente trabalhando no Centro de Letras e Artes (CLA) da UFRJ.	
E3	Masculino	73 anos	Marceneiro	Funcionário aposentado.	Seus sogros residiram e hoje em dia seus filhos e sua cunhada.
E4	Feminino	61 anos	Enfermeira	Alguns membros de sua família são funcionários.	4 gerações.
E5	Masculino	77 anos	Desenhista	Funcionário aposentado.	Seus filhos.

**Fonte:** elaborado pela autora.

A partir do quadro 1, observa-se que apenas E4 não possui um vínculo próximo com a UFRJ, sendo apenas alguns membros de sua família que residem na Vila que possuem, enquanto os outros entrevistados possuem uma relação, seja direta, sendo em maioria ex funcionários da universidade, ou indiretamente, no caso de E1 que era casada com um funcionário. Com o quadro, também é possível observar que o entrevistado mais novo tem 56 anos, enquanto o mais velho tem 77. Apesar de E2 possuir idade inferior a 60 anos, sendo esta a idade em que uma pessoa é considerada idosa segundo o Ministério da Saúde (2009), ele foi responsável por possibilitar que os demais entrevistados fossem selecionados, e por possuir um vínculo com a universidade e atuação política na Vila Residencial - UFRJ, sua participação se mostrou colaborativa.

Quando realizada a pergunta 3 do Eixo 5, sendo: “3) Como o(a) senhor(a) e sua família foram morar na Vila Residencial?”, os entrevistados relataram que suas chegadas ocorreram em contextos distintos uns dos outros, a serem expostos a seguir.

E1 relata que chegou na Vila Residencial - UFRJ em 1978 e que ganhou sua casa não necessariamente em razão de seu ex marido ser funcionário da UFRJ, mas porque implorou para que uma das funcionárias dos alojamentos que estava responsável por doar as casas na Vila doasse uma casa para sua família. E1 ainda conta que esta funcionária sentiu compaixão por ela ao observar a situação em que se encontrava, a ser compartilhada a seguir:

*Ela quando me viu com as crianças pequena, na época eu tinha três, aí ela ficou com compaixão de mim, eu pedi, implorei a ela que um... a favela não tava dando pra mim, muita violência, muita... Entendeu? Então graças a Deus ela... já faleceu e eu juro que esqueci o nome dela mas eu... o, o coração, aquela pessoa generosa, nunca vou esquecer (E1).*

Já E2 conta que residia na Ilha do Bom Jesus antes da criação da Vila Residencial - UFRJ, e quando seu pai se tornou funcionário da UFRJ, ele e sua família passaram a residir na “prainha”, também dentro da Ilha do Fundão. O entrevistado reside na Vila Residencial - UFRJ desde o momento em que os funcionários da ponte deixaram os antigos alojamentos, e compartilha que a sua foi uma das primeiras famílias a ganhar uma casa na Vila, contando como foi o processo de escolher sua casa: “*Vim de bicicleta e eu que escolhi a casa rodando de bicicleta dentro da Vila pra escolher as casas, entrava em uma, entrava em outra e pra ver onde que eu ia morar (risos)*” (E2).

Enquanto isso, E3 compartilha que chegou na Ilha do Fundão no ano de 1968, quando tinha apenas 18 anos, para a construção da Ponte Rio Niterói, auxiliando, inclusive, na criação da Vila Residencial - UFRJ. Ele residia em um dos barracões dos solteiros no antigo canteiro da ECEX. Após o término das obras da Ponte Rio Niterói, E3 deixou a Vila Residencial - UFRJ e passou a morar em um barraco em frente a Reitoria, e posteriormente foi morar em Olaria. Só retornou para a Vila Residencial - UFRJ em 1978 para morar com o sogro em uma casa que a família havia ganhado da universidade. No entanto, o entrevistado relata que só obteve seu próprio terreno após começar a trabalhar para a universidade, ao trabalhar com uma arquiteta da UFRJ:

*Eu morava com meu sogro porque ele ganhou uma casa na época que a prefeitura deu as casas, ele ganhou uma na Rua das Rosas, que era Rua 4, hoje é Rua das Rosas. Aí de lá eu conheci também um pessoal que era arquiteto, arquiteta lá do ETU, foi não sei se na casa dela, lá em Itaipu, e ela era funcionária da universidade, aí ela pegou e me chamou pra fazer a obra dela, eu fiz o trabalho dela, aí ela pediu pra mim montar aqui uma, é... pediu pra mim ajudar um rapaz medir 8 terrenos, 8 terrenos aqui, 3 aqui, 3 do outro lado e 2 do outro lado, aí quando acabei de montar ela disse “um terreno desse é teu”, eu não pedi nada, aí foi onde eu sai da casa do meu sogro, porque ela sabia que eu morava na casa do meu sogro com dois filhos, aí que eu vim pra cá (choro) aí fiz essa casinha aqui, devagarzinho fiz a casinha, entendeu? (E3).*

E4 relata que vive na Vila Residencial - UFRJ desde o ano de 1976, chegando lá com 16 anos, e antes residia na Ilha do Catalão com toda a sua família, até que chegou uma ordem da universidade informando que os moradores precisavam deixar o local e se mudar para a Vila Residencial - UFRJ. Ela ainda conta que alguns dos moradores saíram por vontade própria, enquanto outros foram obrigados a deixar suas casas. Segundo a fala de E4, percebe-se que a mudança dos antigos moradores da Ilha do Catalão para a Vila Residencial - UFRJ foi um pouco conturbada e em um contexto doloroso, pois conta que:

*Como já disse, nasci numa ilha, livre (risos), muito bom morar na Ilha do Catalão, pular, nadar... e ali foi assim, chegou a ordem e foram saindo alguns moradores, os*

*primeiros: “ai, tô cansada de viver aqui muito tempo, a gente não vê nada, não tem nada...” na época tinha uma iluminação precária, tinha água, mas não tinha nada. O que... tinha aqui essas casas que já existiam aqui, em 70 e pouco ela começou a... a ponte não sei quando que começou, mas em 77 eles já haviam terminado. Aqui era mato, então tinha a entrada do Hospital Universitário que estava construindo, e aí o pessoal “não, lá na frente a gente precisa” tinha que andar a pé pra ir pra Ilha do Catalão, “precisamos sair daqui”, então foi saindo aos poucos, aí foi tipo na expulsória, e no final foi mesmo, botaram o caminhão, botaram as coisas dentro e até casa histórica que tinha lá foi colocada no chão pra que não voltássemos pra lá, entendeu? (E4).*

Por último, e sendo o último dos entrevistados a se mudar para a Vila Residencial - UFRJ, E5 conta que reside na Vila Residencial - UFRJ desde 1992. Ele relata que já era funcionário da UFRJ na época da construção ponte, mas residia em outro bairro do Rio de Janeiro. Só passou a morar na Vila aos 47 anos, quando percebeu que a universidade estava dando lotes para os funcionários que residiam longe, e solicitou um terreno para ele e sua família.

Com estes trechos das entrevistas foi possível constatar que os entrevistados, apesar de todos residirem na Vila Residencial - UFRJ há mais de 30 anos, chegaram ao local em contextos distintos, visto que E2 e E4 já residiam nas ilhas que posteriormente viriam a se tornar a Ilha do Fundão, enquanto os outros vieram com suas famílias devido aos trabalhos nas construções da Ponte Rio-Niterói e da Cidade Universitária. Também pode-se pontuar que E4, apesar de não possuir um vínculo com a UFRJ, é uma das moradoras mais antigas da Vila Residencial - UFRJ, pois antes mesmo da construção da universidade, ela e sua família já possuía um vínculo com a Ilha do Fundão em si.

A próxima pergunta selecionada faz parte da caracterização dos entrevistados, sendo um trecho da pergunta 1 do Eixo 1, em relação a quantas gerações de suas famílias vivem ou viveram na Vila. Sobre esta questão, os entrevistados afirmaram que todos os seus descendentes residem na Vila Residencial - UFRJ, além de E4 relatar que quatro gerações de sua família residem ou já residiram na Vila, enquanto E2 contou que “quase todas” as gerações de sua família viveram na Vila. Com esses relatos, observa-se que os moradores que já residiam na Ilha do Fundão anteriormente à criação da Vila Residencial - UFRJ possuem ligação com mais gerações de moradores da Vila.

Em relação à questão 3 do Eixo 2, sendo: “3) O(a) senhor(a) possui alguma atuação política na Vila Residencial? Qual?”, E2 e E5 afirmam que possuem, ou já possuíram, alguma atuação política na Vila, enquanto E4 informou que não possui necessariamente atuação política, mas que foi voluntária em diversos projetos da universidade em parceria com a AMAVILA. E1, apesar de não possuir atuação política, destaca que: “Não, assim, pra me



*envolver muito não... mas, mas eu sempre tô assim, sabe... batendo, né, nas coisas que eu acho que tá errado” (E1).*

Com as respostas, percebe-se que embora nem todos os entrevistados possuam uma atuação política direta na Vila Residencial - UFRJ, eles sentem que é preciso estar à frente das lutas sociais e políticas da comunidade, pois deram a entender que o local, de certo modo, é deles. Sobre isso, E2 disse que: *“Eu tenho um carinho muito especial pela Vila porque como eu fui o primeiro morador a chegar, sei lá, parece que isso aqui é meu, tudo isso aqui, porque eu gosto de cuidar, eu, eu cuido como se fosse meu mesmo” (E2)*, ao mesmo tempo em que E3 afirma que praticamente ajudou a criar a Vila, tendo uma ligação com o local desde a sua criação e todo o seu desenvolvimento.

Ao ser feita a pergunta 2 do Eixo 3: *“2) O(a) senhor(a) já frequentou ou frequenta alguma biblioteca pública ou comunitária?”*, com o intuito de responder ao objetivo específico de *“b) verificar a relação dos idosos da Vila Residencial - UFRJ com as bibliotecas públicas e comunitárias”*, apenas E1, E2 e E4 afirmaram que costumavam frequentar as bibliotecas antigamente, mas que nenhum frequenta hoje em dia. E2 ainda destaca que com o excesso de trabalho, fica difícil ter acesso às bibliotecas, tendo acesso unicamente à Biblioteca Comunitária na Vila Residencial - UFRJ por ter contato com os projetos da AMAVILA em parceria com a universidade. Todos os entrevistados pareceram compreender as bibliotecas como locais de estudo e leitura e, por isso, os entrevistados mais velhos, sendo estes E3 e E5, ressaltaram que ambos focaram suas vidas no trabalho, e que hoje em dia querem apenas descansar. Além disso, os entrevistados também afirmaram que hoje em dia é mais complicado frequentar bibliotecas, e que não tem mais tempo para ler ou que as redes sociais atrapalham neste processo. Ou seja, observa-se que, mesmo que alguns entrevistados tenham frequentado bibliotecas anteriormente, nenhum deles compreende as bibliotecas como lugares, também, de lazer e descanso, e por consequência não frequentam estes espaços.

Ademais, apenas E2 e E4 já conheciam a Biblioteca Comunitária na Vila Residencial, visto que ambos possuem atuação política/voluntária na AMAVILA, o que facilitou o contato com a biblioteca. Deste modo, nota-se que a maioria dos entrevistados não conheciam a Biblioteca Comunitária que atua dentro da comunidade, e que os que conhecem, conhecem por terem contato com os projetos. Para que esta problemática seja resolvida, primeiro é necessário que a biblioteca se apresente para todos, trazendo os moradores para atuar dentro de seu espaço, e depois é preciso que ela seja vista, como já citado por Silveira (2010) no referencial teórico deste trabalho, como um local de continuidade para que suas memórias possam ser trabalhadas em conjunto com a biblioteca.

Já ao realizar as perguntas 1 e 2 do Eixo 4, sendo estas: “1) O que o(a) senhor(a) acha sobre ter suas memórias documentadas e disponibilizadas pela Biblioteca Comunitária na Vila Residencial - UFRJ para que todos possam ter acesso?” e “2) De que forma o(a) senhor(a) acredita que ter as memórias disponibilizadas para o público, tanto interno, quanto externo, impactaria de na vida de vocês (moradores)?” para responder ao objetivo específico a) da pesquisa: “a) analisar como a preservação da memória coletiva é vista pelos idosos”, todos os entrevistados responderam as questões com posicionamentos favoráveis, pois compreendem que tal ato pode contribuir para que os moradores mais novos, os que vêm de fora e os estudantes conheçam a história da Vila Residencial - UFRJ. E2 afirma que seria bom e destaca que: “às vezes que eu quero falar das coisas que aconteceram aqui na Vila, tem muitas coisas que a gente lembra, que a gente tem em memória mesmo, mas tem coisa que a gente esquece, que uma coisa que de repente é pequena mas que é importante” (E2).

E4 considera que a ideia de criar uma biblioteca de memória traria consequências positivas, e acredita que seria bom para os moradores e para a Vila ter tudo documentado desde o momento em que a Vila nasceu, pois a entrevistada relata que percebe que alguns estudantes não tem respeito pelos moradores e conta que já foram chamados até mesmo de invasores, visto que muitos nem sequer sabem que existe uma vila de moradores não necessariamente ligados à universidade dentro da Cidade Universitária. Dando sentido à sua fala, E4 compartilhou que:

*Nós não viemos pra cá como invasores, nós não somos invasores, nós temos uma história, é... nós fomos retirados do local que nós vivemos e nascemos há muitos anos atrás porque veio o progresso pra cá, quando minha família veio pra esse local, o meu bisavô, o meu avô, não existia nem a Cidade Universitária, era tudo as ilhas e nós nascemos nessas ilhas e fomos retirados de lá e trazidos pra cá que eram as casinhas da ECEX, que era da Ponte Rio-Niterói que ficou aqui. A ponte acabou, os funcionários foram embora, as casas ficaram de madeira aqui e aí eles resolveram colocar toda a comunidade que existia aqui nas ilhas aqui, e outros funcionários também que vieram de outros locais aqui nesse lugar. Então seria ótimo pras pessoas chegarem, sentarem e olharem e ver que tem uma história, porque cada vez a gente vai contando, vai contando pra um, contando pra outro... um faz um livro, faz outro, mas eles não estão aqui pra que as pessoas vejam (E4).*

Portanto, todos entrevistados consideram boa a ideia de documentar suas memórias e disponibilizar para o acesso, pois acreditam que desta forma as pessoas compreenderiam melhor suas histórias, de onde vieram e a importância que o lugar possui para eles. E4 conclui dizendo que seria bom também para as futuras gerações:

*À futuras gerações, né, darem até valor ao que elas tem, né, que é dos antepassados [...] seria bom pras futuras gerações verem isso, pra dar valor, né, ao local que tem, ao suor que foi levantado pra, pra que eles estivessem aqui também. E quando você explica isso pra uma, pra os descendentes, eles dão valor, né, esperamos isso (E4).*

## 7.2 O processo de lembrar

Este tópico foi desenvolvido através das perguntas do Eixo 5 - Memórias, e estruturado conforme a fala dos entrevistados. Neste eixo os entrevistados foram incentivados a falar abertamente, por isso algumas perguntas foram feitas de maneiras diferentes, de modo a dar liberdade para que contassem suas histórias. A história da Vila Residencial - UFRJ foi contada a partir da perspectiva e dos sentidos que os entrevistados deram a ela, com o intuito de responder ao objetivo específico: “c) construir uma narrativa de memória com os idosos da Vila Residencial - UFRJ a partir de suas histórias de vida”.

Em relação à criação e ao “nascimento” da Vila Residencial - UFRJ, os entrevistados compartilharam suas visões de como se desenvolveu este processo.

E3 chegou no local que hoje é conhecido como a Vila Residencial - UFRJ junto com os funcionários da ponte; ele conta que quando chegaram não havia nada, de modo que esses funcionários precisaram se instalar inicialmente em um outro alojamento até que o canteiro de obras da ECEX fosse preparado. O entrevistado compartilha que:

*Então isso aqui tudo era tudo areia, não tinha nada, chegou os trator da firma que veio do Rio Grande do Sul, lá trator que veio com a firma, pra começar fazer a terraplanagem, isso tudo aqui, e... tiraram até a areia lá da beira da praia do outro lado lá perto do quartel pra aterrar aqui, pra ajudar a aterrar que era um lugar baixo, né, então... enquanto aprontava as casas a gente tava naquele alojamento, quando aprontou nós viemos pra cá, aí fizeram as casas, né, começou a obra... começou as obras da Ponte, a fazer o canteiro, preparar o canteiro... (E3).*

E3 ainda relata que foram construídos cerca de 343 barracos feitos de madeira no antigo alojamento da ECEX. Dentre essas casas, havia barracões para abrigar os solteiros, e de um outro lado eram os barracos de família para os funcionários que levaram as mulheres e os filhos. O entrevistado afirma que os barracos para as famílias eram mais “direitinhos”, e que alguns possuíam de dois a quatro quartos, além de sala e cozinha. Segundo a fala de E3, na época em que os funcionários da ponte residiam no antigo alojamento, a comunidade possuía uma prefeitura, um necrotério e uma creche, que infelizmente foi descontinuada. Em suas palavras, compartilha que:

*Eu trabalhei aqui descarregando carreta de madeira, eu botava quatro carreta daquela no chão, a gente era obrigado a trabalhar de 7h às 22h da noite... era o horário. Quem quisesse, podia ir embora... aí eu continuei trabalhando aqui, era esse horário que a gente trabalhava, né, descarregando essas carretas, as madeiras que vinham do Rio Grande do Sul, que tudo aqui era barraco, foi feito tudo de madeira,*

*foi... se eu não me engano, acho que é 4... 343 casas que fizeram aqui dentro. Então, e nesse local onde eu tenho minha casa aqui, isso aqui era o barraco dos solteiros, era três barracão, que ocupada os solteiros, e lá do outro lado era família, o carpinteiro que trazia a mulher e os filhos, né, e já era uma casa mais direitinha, três quartos, sala, cozinha, ou dois quartos, ou um quarto, tinha vários tamanho de casa, né, então a Vila começou desse jeito, né, com esses barracos (E3).*

A partir das falas de E3 é possível perceber que ele acredita que após o término das obras da ponte e após os operários terem entregado as casas para a prefeitura da UFRJ, a universidade disponibilizou as casas para os funcionários para que a Vila não fosse invadida pelos moradores do Caju, pois começaram a sumir vasos, portas, entre outras coisas, o que influenciou na decisão da universidade de doar as casas para os funcionários mais pobres para povoar o local, e termina sua fala contando que:

*Eles botaram todo mundo, cada um em cada casa, vigilante na..., da, da UFRJ ficava nas ponta de rua porque tomava conta de rua, era assim... quando fizeram a Vila, a própria firma da ponte já tinha vigilante de ponta de rua que tomava conta da rua, entendeu? E isso aqui foi aterrado também, as ruas foi aterrada tudo com pedra, você não via lama, não tinha nada, ai vieram... ai na frente ali tinha um armazém da Cobal, que era do exército na época, né, era... Cobal era do exército, então tinha a Cobal, que hoje é um bar lá... a gente chama de Cobal até hoje, onde o pessoal toma cerveja ali, né (E3).*

Nas falas de E2, quando os operários da ponte foram embora, eles deixaram as casas bem bonitas e perfeitas, e a universidade não quis derrubar e, por isso, o prefeito, em conjunto com o reitor, se reuniram e pegaram os moradores que moravam dentro do campus da Cidade Universitária para que se mudassem para a Vila Residencial - UFRJ.

E1 relata que quando chegou na Vila era tudo barro, as casas de madeira e que inicialmente a casa dela não tinha nem mesmo porta, pois haviam roubado tudo. A entrevistada ainda conta que quando ela e sua família chegaram ninguém se conhecia, mas que depois de pouco tempo todos passaram a se conhecer e costumavam dormir até mesmo com as portas abertas, pois era um lugar seguro. A entrevistada termina sua fala dizendo que essas coisas são as que ficam na lembrança para o resto da vida.

Já E4, que se mudou para a Vila Residencial - UFRJ em um contexto doloroso e diferente dos demais entrevistados, conta que quando chegou na Vila as coisas eram muito diferentes daquelas da Ilha do Catalão, porque ao chegar na Vila não tinha quase ninguém: “aqui era deserto, “cadê os moradores?” Não tinham gente o suficiente, as casas eram diferentes, um ambiente diferente, nós sentimos...” (E4).

Também sobre o processo da universidade doar as casas para os funcionários e para os moradores das ilhas, E5 conta que:

*A prefeitura, o local onde que eu trabalhava, é... foi responsável pelas casas, então a prefeitura fez uma... selecionou, aqueles moradores que moravam em Caxias, Nova Iguaçu, locais distantes, a prefeitura deu, doou casa pra eles, as casinhas de madeira. Depois de um tempo cada um foi melhorando, fazendo sua casinha, mas naquela época era difícil porque a luz aqui faltava direto, a água quase não tinha, a água vinha uma vez, duas vezes na semana, mas no decorrer do tempo todo mundo conseguiu fazer a sua casa, houve uma urbanização aonde que todo mundo tem seu relógio, paga sua água, sua luz. (E5).*

Um problema citado pelos entrevistados foi relacionado às casas de madeira porque elas eventualmente foram apodrecendo, e E4 conta que esse é um ponto que tornava as coisas difíceis na Vila, pois no começo era bom, mas depois ficou complicado porque as tábuas começaram a soltar e algumas possuíam folha de zinco, de modo que quando ventava essas folhas voavam e corriam o risco de cortar alguém. Além disso, também relata que as casas poderiam cair:

*Fora isso a casa cair também, né (risos), porque era madeira, ficaram velhas, você enfiava o dedo e saía do outro lado, porque eram os cupins, muito cupim, meu Deus, nunca vi tanto cupim na minha vida, eles estavam todos dentro dessa Vila comendo nossas casas (risos), a gente com as bacias dentro de casa aparando os cupins, ninguém sabia se ficava dentro da casa ou se ia pra rua porque no lado de fora tinha cupim, dentro de casa também tinha (risos) (E4).*

Em relação a isso, E3 também compartilha outro problema relacionado aos barracos de madeira, pois alguns acabaram pegando fogo:

*Aqui, do lado do campo ali, aqui tinha o barraco dos solteiros, e ali também tinha uma carreira de barraco dos solteiros, também pegou fogo, queimou tudo, aí foi que criou aquela... eles pegaram depois que queimou tudo, o pessoal foi morar lá do outro lado, onde tem o negócio da Cedae ali, onde é a água do Rio, aí fizeram o barraco ali, aí fez o barraco ali. Aqui tinha até prefeitura, sabia? Quando tinha os barracos da ponte, morava o pessoal da Ponte Rio-Niterói, tinha até prefeitura ali naquela ponta onde tinha o necrotério, que as pessoas vinham de lá, machucado, ou morria, aí vinha pro necrotério, tinha ali um necrotério. Aí o pessoal foi morar pela aquela parte de lá, depois que acabou a prefeitura ali, acabou tudo, aí essa moça da associação arrumou um jeito aí com o pessoal aí do Parque Tecnológico aí, pra fazer as casas do lado de cá, não tem umas casinhas do lado de cá ali? Foi feito 14 casas ali, aí foi feita uma casa pra cada morador dali, que morava do outro lado, com saneamento direitinho... (E3).*

A imagem 1 apresenta a foto de um barraco de madeira compartilhado por E4 para ilustrar a fala dos entrevistados.



**Fonte:** disponibilizada por E4.

Quando realizada a pergunta “2.1.1 Quais são suas primeiras lembranças da Vila Residencial?” do Eixo 5, os entrevistados responderam de formas diferentes, mas suas respostas se complementam a partir dos momentos que foram destacados por eles. E1 conta que sua primeira lembrança é a de que a casa dela não tinha banheiro quando ela e sua família chegaram na Vila, e sua vizinha abriu as portas para que ela fizesse comida e tomasse banho com seus filhos em sua casa. Para E2, que chegou na Vila quando criança, suas primeiras lembranças se resumem a andar de bicicleta o tempo todo, de brincar na praça de dia e de noite, e de forrar um tapete grande na praça e levar travesseiros para que todos pudessem dormir juntos, e afirma que era muito bom.

E1 conta que chegar na Vila Residencial - UFRJ foi como chegar em um paraíso, porque:

*As crianças brincavam até de madrugada, sabe, tranquilamente na rua correndo pra lá e pra cá na lama, todo mundo feliz (risos), não tinha violência, não tinha... muito legal, que saudade! (risos) apesar de estar tudo bonitinho, asfaltado e tudo, mas dá saudade daquele tempo, sabe? A gente até com fome as vezes, dormia só comendo um ovo, mas era uma paz, era uma coisa tão boa... (E1).*

E termina sua fala dizendo que era uma pobreza, porém riqueza ao mesmo tempo, pois todos se conheciam, eram amigos e que assim que chegou todos foram muito receptivos com ela e sua família.

E2 também fala de forma positiva e saudosa sobre o passado na Vila ao afirmar que na época em que chegou os moradores eram felizes, além de que era uma vida diferente que hoje em dia vai ficar apenas em memória, já que não se pode mais voltar atrás para o momento em que tinham uma vida mais sadia. Segundo E2, inicialmente as pessoas se dividiam por ruas, mas foram se enturmado, e compartilhou que:

*Era uma coisa mais gostosa, não sei, não sei como te dizer assim, a gente, a gente era feliz, era muito, muito feliz aqui dentro dessa... da Vila Residencial. Hoje a gente é feliz em termos, assim, a gente... porque não é igual a nossa vida, é... que a gente tinha antigamente, entendeu, nós passamos bons momentos aqui na Vila, a gente não tinha saneamento básico, a gente não tinha a luz era precária e quando ventava, chovia, os fios começavam a explodir, estourar que nem ano novo, quando começava a bater o vento e era aqueles fios de alumínio, saía tanta fiação, a gente... era assim mas a gente era feliz, e hoje em dia a gente tem tudo praticamente e não é tão feliz... eu pelo menos penso assim (E2).*

Nesse mesmo sentido, E4 relata que eles possuíam problemas, mas que era bom porque os moradores se juntavam para fazer festas juninas e as famílias eram mais unidas. Também compartilha que uma das formas de diversão dos jovens na época era o “bailinho”, uma festa que os jovens faziam nas garagens das suas casas com a supervisão dos pais. Nas palavras de E4:

*Aí tinha garagem em algumas casas e tinha que pedir, né: “pede teu pai, pede tua mãe lá pra fazer um bailinho lá na tua garagem” (risos), todo mundo, a Vila inteira de jovem ia pro bailinho na garagem, o pai lá tomando conta, a mãe, 23h ó, o bailinho começava às 18h da tarde, 23h já tava encerrado o bailinho, e todo mundo se conhecia, como se conhece até hoje, e muito bom, tenho boas memórias, boas memórias daqui eu tenho, desde que eu vim pra cá (E4).*

Em relação ao transporte, E5 relata que na época em que ele trabalhava na prefeitura era difícil conseguir chegar na Vila Residencial - UFRJ:

*É, quanto eu cheguei aqui, antes do pessoal, é... no final de semana só tinha um ônibus que vinha pra cá, o ônibus da universidade, era de hora em hora, pegava lá na portaria, era de hora em hora, e esse ônibus não... esse ônibus só vivia quebrado. Eu vim muitas vezes de lá da portaria, aqui dava 40 minutos a pé, não tinha condução; era o ônibus da universidade, quando começou a ser a Vila aqui de funcionários, e quando eu voltei... eu já era, mas quando eu peguei, quando eu vim morar aqui e peguei esse ônibus, era de hora em hora, o azulão, grande, chamado azulão, acho que esse ônibus não funcionava decente porque tava sempre quebrado, final de semana era danado pra quebrar, então quando quebrava a gente tinha que vim a pé, então eu ficava aqui no final de semana. Durante a semana era ônibus que carregava os alunos, era ônibus particular, da universidade, tinha acho que dois ônibus, mas só que a universidade cresceu de um tal tamanho que aqueles dois ônibus não, não suportava mais, aí passaram a alugar empresa, aí melhorou [...] não tinha condução pra cá, aonde agora é o Parque Tecnológico, isso aqui era o canteiro da Ponte Rio-Niterói, o canteiro de obras da Ponte Rio-Niterói, o Parque Tecnológico era o canteiro, aí pegava lá os ônibus de manhã, levava os funcionários, aí de tarde ia deixava lá na portaria e de lá eles saíam. Isso aí eu peguei, e peguei os funcionários morando ali onde que é o horto ali de volta do campus, os funcionários morando em casa de madeira, e só tinha uma entrada, a entrada era... assim que você saía da ponte tu entrava à direita onde tem o sindicato, a entrada única do fundão era ali, aí depois de 74, aí começaram a fazer ligação, a mudar a entrada, aí o DER, o Departamento de Estrada e Rodagem, em 70, 72, 73, diz que entraram aqui e fizeram a urbanização da Ilha do Fundão, isso aí eu também tava, eu lembro (E5).*

Já sobre o processo de urbanização da Vila Residencial - UFRJ, E3, assim como os demais entrevistados, relata que no início tinha bastante barro, mas depois começaram a urbanizar a Vila:

*Chegou uma firma pra fazer essa Ponte do Saber aí, que é a primeira ponte aqui, daqui pra lá. Então tinha uma menina aqui na Associação, ela era diretora da Associação, e ela fazia muitas coisas pras pessoas aqui, ela ajudava muito, o que ela tinha ela tava sempre dividindo com os irmãos, com o pessoal aqui da Vila, muito boa, resolvia muito problema ai. Então na época que eu... antes do calçamento, ela ligou para aquele Ministro da Cidade, que tava aqui no Rio, ai ela veio aqui, tiveram, teve um evento na pracinha ali, não tinha nada, era uma praça mais ou menos ali, ai chamou ele, ele veio ai, assistiu o evento das crianças dançar ali, o pessoal da Maré que veio pra cá também pra ajudar, pra... aquela diversão deles ali, né, das crianças, ai o ministro veio dar uma olhada aqui ai pegou o ministro, saiu dando uma olhada nas ruas todinhas, saiu andando isso tudo aqui, quando acabou de ver isso tudo, ali naquela esquina tava eu, tava mais umas 6 pessoas, ai foi que ele pegou e falou “pois é, gostei de vocês aqui, e eu vou fazer alguma coisa por vocês” e como estava já fazendo a ponte, era Queiroz e Galvão que fez, ele pegou o papel e assinou para que fizessem a urbanização aqui da Vila, aí pegou o papel lá e assinou: “vocês estão incluídos na obra do Canal do Cunha” (choro) ai que fez esse calçamento, fez esgoto, colocou água tudo direitinho, né, que era o esgoto jogava lá na Maré... (E3).*

Ao compartilhar essas memórias, E3 se emocionou diversas vezes pois afirmou sentir que sempre esteve presente em momentos que foram importantes para a Vila e para os moradores. Com essa colocação, foi possível perceber o motivo pelo qual Bosi (1987) destaca que a conversa evocativa de um velho é semelhante a uma obra de arte, pois não são apenas memórias e histórias, mas vivências sendo compartilhadas e capazes de causar diversos sentimentos aos ouvintes e leitores.

Com as falas dos entrevistados, foi possível observar que mesmo tendo experiências diferentes na Vila Residencial - UFRJ e contando suas histórias individuais e pessoais, os entrevistados citaram os mesmos aspectos de formas parecidas, o que demonstra que é possível reconstruir a memória coletiva de um grupo através de falas individuais de pessoas que compartilharam quase todas as experiências em um mesmo ambiente, tornando possível verificar que, como Halbwachs (1990) afirma, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Em segundo momento, observa-se que, para os entrevistados, reconstruir a história da Vila estava mais relacionado a relembrar os momentos significativos para eles, do que com a preocupação de fazer uma construção cronológica dos fatos ocorridos, pois os entrevistados citaram aspectos e momentos que impactaram suas vidas, falando com afetividade sobre o passado.

Por isso, ao perguntar para os entrevistados “Se o(a) senhor(a) pudesse dividir a história da Vila Residencial, quais seriam os maiores marcos?” sendo essa a pergunta 2 do Eixo 5, ficou



nítido que alguns dos entrevistados, novamente, responderam a partir de aspectos que eles consideraram importantes para si, pois não focaram em marcos históricos específicos, mas em como era a vida na “época deles”.

O discurso de E1 foi da seguinte forma:

*É isso aí que eu falei, né, um tempo de muito sossego, muita, muito bom mesmo, minhas crianças ainda tem saudade (risos), aqui de correr na lama, sabe? De subir assim em uma, em um pé de coisa assim... entrar uma farpa na perna, que entrou na perna do meu filho, um sufoco danado, a gente fomos pro hospital... mas são coisas assim que faz parte da vida, né, e que, que a gente não esquece, engraçado... também não esquece as coisas boas e também não esquece as coisas ruins, se pudesse esquecer o ruim, né? (E1).*

Deste modo, E1 faz uma distinção da história da Vila de um modo em que se percebe que ela baseou sua linha do tempo no que *era*, e depois no que não é mais. Nessa mesma perspectiva, E2 responde que:

*Dividiria em duas partes, né, a de um tempo atrás, do início, né, da nossa chegada, e a de hoje em dia. É... como falei antes, né, a gente sabia, a gente tinha um padrão de vida melhor, né, assim de, é... de família, de, de tá próximo, a qualidade de vida era boa, entendeu? Há muitos anos atrás, 30 anos atrás, 30, 40 anos atrás a gente tinha uma vida melhor, a gente tinha... a gente era sadio, era, apesar de a gente fazer muita besteira, a gente ficava pulando na maré, nadando nessa água suja e a gente nunca pegava um resfriado, nunca pegava uma gripe, uma coisa assim, e várias coisas que a gente viveu aqui dentro da Vila que tá ai só em foto mesmo, em memória mesmo... e hoje em dia, cara... é essa situação que tu tá vendo ai, a gente fica muito preocupado com esses jovens de hoje, né, que a gente tenta chamar atenção de pessoas que tão fazendo coisa errado que acham que é certo, e... muitas das vezes a gente escuta desaforo, e antigamente a gente respeitava o cabelo branco das pessoas, hoje em dia tu não vê mais isso, as pessoas não tem mais respeito pela família, não tem respeito por nada, tu tem que dosar a forma como você vai chegar em cima da pessoa, ou pra cobrar, ou pra chamar atenção de alguma coisa, fica meio difícil, hoje em dia tá mais complicado (E2).*

Já E3 respondeu por outra perspectiva, relatando os acontecimentos que ele considera importante para os moradores e que possibilitaram mudar suas vidas:

*É, eu acho que agora tá bem melhor, né, do que antes, né, antes quando nós chegamos aqui os fios da luz... daqui não tinha luz assim, era... a luz vinha da ponte Rio Niterói, do canteiro da ponte, a luz vinha do canteiro da ponte, era uns fios de alumínio, arrebentava, dava curto, arrebentava e todo mundo ficava sem luz, o electricista corria pra remendar os fios e botar luz pra todo mundo, aí não tinha esse povo que tem agora não, era bem menos, era umas 345 casas que tinha aqui, que eram ocupadas pelos moradores. Agora não, agora mudou, né, aí teve que entrar mesmo a Light direito ai que lutaram pra colocar a Light aqui dentro, e colocou luz geral aqui dentro, ficou bom, melhorou, bem melhor... tá bem melhor do que antes, antes a gente tinha esses problemas, só isso. Não tinha a igreja, lá do outro lado era uma... tinha uma igreja lá, tinha uma igreja eu uma creche para as crianças, meu filho até chegou a estudar na creche, era de madeira... (E3).*

Para E4, a história da Vila Residencial - UFRJ se divide entre uma grande luta a ser vencida e uma luta que já foi vencida, e justifica sua fala:

*Na questão de asfalto, de saneamento básico, tudo isso, foi uma luta isso pra nós, era uma batalha. A gente recebia de vez em quando algumas histórias de que nós íamos ser desaloçados de novo daqui, então a gente vivia, é, com o sistema nervoso, de sair, “ah, não vamos sair”, mesmo com toda a dificuldade, mas a gente lutava, né, a gente lutava, pela, pra estar no local, mas com ele preservado como ele é hoje, como ele é hoje, com o asfalto, nossa, muito bom. Saio com meu saltinho, aí ando bela, e saio pela rua, não tenho problema de tá pulando na chuva, poça d’água (risos) (E4).*

Baseado nas repostas expostas nos parágrafos anteriores, nota-se que E1 e E2 dividiram a história da Vila de uma maneira mais emotiva e saudosa, como se *naquele* tempo as coisas fossem melhores, enquanto E3 e E4 abordam a história da Vila por outra perspectiva, em uma abordagem mais histórica, destacando as conquistas que tiveram com o passar dos anos e como tais feitos possibilitaram que suas vidas mudassem.

A partir dos relatos compartilhados nesta seção, ficou perceptível que a construção social da memória acontece mesmo quando os indivíduos possuem experiências diversas de um mesmo acontecimento, pois embora os entrevistados tenham chegado na Vila em contextos e épocas diferentes, seus discursos se complementam e suas narrativas são elaboradas a partir de um mesmo ponto em comum: a ideia de que, mesmo com os pontos negativos que foram citados, a vida na Vila Residencial - UFRJ era diferente da vida em outros lugares, sendo melhor, mais saudável e mais segura.

### **8.3 Os sentidos que são dados: a Vila Residencial - UFRJ atualmente sob a ótica dos moradores**

Nesta seção foi apresentada a forma como os entrevistados compreendem a Vila Residencial - UFRJ nos dias atuais, e foi baseada em algumas perguntas selecionadas dos Eixos 2 e 3.

A primeira pergunta selecionada foi a 1 do Eixo 2: “1) O(a) senhor(a) pode me contar como é viver na Vila Residencial - UFRJ hoje em dia?” e os entrevistados responderam da seguinte forma:

E1 afirma que atualmente viver na Vila está melhor em relação à violência, pois relata que há um tempo atrás as coisas estavam mais perigosas, e logo em seguida conta que viver na Vila Residencial - UFRJ é como viver em um paraíso e que é maravilhoso, apesar de que em alguns fins de semana tem a bagunça que os estudantes fazem na Vila.

Interligando suas respostas com a de E1, E2 e E3 compartilham que hoje em dia está complicado viver na Vila Residencial - UFRJ em consequência dos problemas no mangue, uma vez que depois que acabaram com ele, os estudantes passaram a frequentar a Vila para fazer festas, e os entrevistados contam que o espaço não suporta a quantidade de alunos, sendo cerca de mil alunos de uma vez, porque eles acabam fechando as ruas e os ônibus ou carros não conseguem passar, fazendo com os moradores não tenham a possibilidade de se locomover. E2 ainda afirma que querem recepcionar todos bem, mas às vezes fica difícil, e termina sua fala contando que, apesar de terem estudantes que vão para a Vila apenas para fazer festas, os estudantes que residem lá são considerados como moradores.

Já E4 respondeu da seguinte forma:

*Ah... é, bom, as coisas mudaram, né, com o tempo... as pessoas que antes eram poucas, que vieram das ilhas pra cá foram aumentando, e hoje em dia nós temos aqui um núcleo grande que absorve a universidade, né, em si, e os filhos dos funcionários foram crescendo, tendo seus filhos, e eles também foram estudando aqui, se formando, casando, aí as famílias também cresceram, uma foi absorvida dentro da outra, né, por conta de casamentos de famílias antigas que se conhecem, e aí os filhos casam com os conhecidos, então aqui dentro na Vila eu costumo dizer que todos são parentes (risos) porque chega ali na praça e um é parente do outro, né, e morar aqui é bom, é bom, é tranquilo, temos as crianças que ficam livremente correndo aqui dentro da Vila, temos os alunos que vêm pra cá também, né, que aí colaboram de alguma forma com o progresso do pessoal que tem comércio, e até com o convívio nosso também, que eu costumo conversar muito com alunos, né, e a segurança é boa, graças a Deus, né, porque também o ônibus termina meia noite e ninguém quer vim pra um lugar aonde não tem condução, né? Ou vai a pé, ou no seu próprio transporte. Mas em si, aqui não tem grandes atrativos, se tornou assim um lugar... parece uma rocinha, né? O pessoal costuma dizer isso (E4).*

Enquanto E5 disse que:

*Olha... hoje em dia eu, eu coloco a Vila Residencial um dos melhores lugares do Rio de Janeiro, mais seguro, onde se pode ainda criar filho, criar solto à noite, brincando, tem espaço, e as pessoas são muito... muito amigas. Todo mundo agora vive feliz, e todo mundo aqui um conhece o outro, não tem lugar melhor que aqui não (E5).*

Observa-se, então, que um problema que aflige os moradores é em relação as festas dos alunos, mas no geral tal fator não torna ruim a vida na Vila Residencial - UFRJ, pois todos consideram a Vila como um local bom para morar, e a definem como: “*um paraíso*” (E1; E5), “*um pedacinho de céu*” (E3), “*uma rocinha*” (E4).

Ao falar sobre sua vida na Vila Residencial - UFRJ, E3 compartilhou que não tem coisas negativas para falar, apenas coisas boas, porque eles preservam e cuidam da Vila, que é o que que precisam fazer, e contou que: “*tá acontecendo isso ai... ai tem um mercadinho ali, tem*

*outro, fez do outro lado, tem um sacolão na esquina, tem uma padaria, lá do outro lado tem outra que faz pão também lá na praça lá...” (E3).*

E3 ainda acredita que atualmente a Vila está ajudando a universidade, visto que as repúblicas que são construídas ali para abrigar os estudantes que não conseguem casa no alojamento são de grande ajuda, pois sem o aluguel na Vila os estudantes poderiam ficar sem ter onde morar. Ele também afirma que os estudantes gostam de lá por ser tranquilo, ao contrário do resto da cidade que consideram perigoso. Em suas falas, nota-se que E3 fala de uma forma como se a Vila Residencial - UFRJ fosse um lugar bom, como uma exceção dentro do Rio de Janeiro.

Já E4 cita que uma das coisas que ela mais gosta na Vila Residencial - UFRJ é o contato com a natureza, pois afirma que apesar de não estar mais morando em uma ilha, ainda gosta de manter esse contato, e compartilha também que uma das melhores coisas para ela é a interatividade com a família, visto que a maioria de suas amigas e sua família estão na Vila.

Para E5, viver na Vila é muito bom porque ele pode sair a hora que quiser pois se sente seguro para isso, que é como uma cidade do interior devido a tranquilidade e por quase todos se conhecerem, e disse que:

*Os mais antigos, a gente se conhece muito mais, uns trabalhavam na prefeitura e outros no escritório técnico, aí era tudo junto... mas isso aqui já foi... isso aqui, eu ainda considero um paraíso, um lugar muito bom pra morar, né. Embora que tenha menos funcionários, quando eu vim morar aqui tina mais funcionários, muitos faleceram, meus amigos aqui, morreu muito amigo meu mesmo, e a família muita gente não ficou aqui, foi embora, vendeu pra outro, mas fora disso é muito tranquilo, tem muita gente querendo vim pra cá (E5).*

No entanto, ele afirma que a universidade tinha que ser mais atuante na Vila e fiscalizar quem mora lá, pois acredita que a universidade não deveria permitir que pessoas sem vínculos com a UFRJ residam no local, tendo em vista que alguns funcionários aposentados foram vendendo suas casas para pessoas “de fora”; o entrevistado ainda acredita que essas pessoas não são ruins, mas que a universidade deveria ter o poder de controle, pois é a “Vila dos Funcionários da UFRJ”, e a vila de funcionários deveria ser apenas para funcionários. Em concordância com a fala de E3, E5 também comentou que a Vila está ajudando a universidade, pois como a UFRJ não tem quartos suficientes no alojamento estudantil, muitos moradores constroem repúblicas para alugar para os estudantes, e os estudantes vão para lá por ser um lugar seguro e tranquilo para morar. O entrevistado acredita que se os moradores forem saindo e vendendo as casas para pessoas sem vínculos com a UFRJ, as pessoas poderão fazer o que quiserem sem ter que responder a ninguém.

Essa visão de que a Vila Residencial - UFRJ seria a vila dos funcionários da UFRJ foi abordada apenas por E5, enquanto todos os outros entrevistados entendem de uma forma positiva as pessoas de fora terem o contato com a comunidade.

Em relação aos transportes, E5 contou que considera bons os ônibus da universidade, pois não precisa pagar passagem, tem ar condicionado e acredita ser bom os ônibus passarem apenas até meia noite, pois assim ninguém entra ou sai da Vila Residencial - UFRJ, tornando mais segura.

A próxima pergunta selecionada é a segunda do Eixo 2, sendo esta: “2) O(a) senhor(a) considera que as coisas já foram melhores na Vila Residencial em algum momento? Se sim, em que momento?”

E1 respondeu que: “Ah, quando nós chegamos pra cá foi melhor, apesar de era lama, era... sabe, aquela coisa mesmo, as crianças brincavam no barro...” (E1).

A resposta de E2 foi a seguinte:

*Cara, eu sou do tempo antigo, né, eu tenho 56 anos de idade e eu preferia o tempo antigo porque a gente vivia mais, a gente tinha mais opção de tá perto da família, a gente tinha mais opção de, de brincadeira, a gente tinha mais opção de tá perto dos amigos, então hoje em dia aqui não tem quase diversão, é... diversão é o que, um futebol, soltar uma pipa que a pessoa gosta de ficar a... a molecada gosta, né, é... ficar em bar bebendo, porque quase não tem diversão, então as pessoas as vezes fazem um churrasquinho, acabou o futebol fica na, ali na resenha, né, e não... no entanto é só isso mesmo, e festa quando eu faço as festas aqui da Vila, né (E2).*

E2 ainda considera que mesmo com tudo o que eles têm atualmente, as coisas eram melhores no passado, pois hoje já não possuem mais tanto tempo para lazer.

Os entrevistados E1 e E2 falam de uma forma saudosa sobre o tempo antigo na Vila Residencial - UFRJ, pois apesar de não citaram um momento em específico em que as coisas eram melhores, com suas respostas é possível observar que eles dividem entre o *antes* e o *agora*.

Já o E3 considera que as coisas estão melhores agora, por que:

*É, por causa, pelo que teve agora, o mercado, né, foi evoluindo, as casas melhorando, era barraco, acabou tudo... [...] hoje tá isso ai desse jeito, entendeu, calçado, fizeram um campo de futebol, agora antes da eleição esse pessoal ai, o (nome não autorizado) pediu ai, acho que uma candidata teve ai, ai botou luz no campo, pessoal botou luz no campo, agora dá pra jogar, a rapaziada pode jogar bola à noite, né, botou no das crianças lá também, lá do outro lado também, colocou lá, ai liga e as crianças fica tudo alegre com isso aqui, aqui é um bom lugar, pra mim é um pedacinho do Rio aqui, que tem gente que chega aqui e não conhece (E3).*

Nas falas de E4, ela considera que na parte econômica melhorou bastante, mas que algumas atitudes dos mais jovens a incomodam atualmente, e afirma que acaba tendo um

choque de idades. Em relação a isso, E2 também relata que antigamente se respeitava o “cabelo branco” das pessoas, dando a entender que um problema atual para ele são as atitudes dos jovens.

E5 apenas respondeu que: *“todo mundo agora vive feliz, e todo mundo aqui um conhece o outro, não tem lugar melhor que aqui não”* (E5).

A partir das repostas dos entrevistados das duas perguntas selecionadas anteriormente, nota-se que E1 e E2 consideram que a vida na Vila era melhor no passado, enquanto para E3 e E4 as coisas estão melhores agora, e para E5 sempre foram boas.

No quadro a seguir serão exibidas as respostas da pergunta 5 do Eixo 2: “5) Me conte três pontos positivos e negativos de viver na Vila Residencial - UFRJ, em ordem do melhor para o pior” a fim de compreender em quais aspectos os entrevistados estão satisfeitos, e quais eles acreditam que precisa melhorar.

**Quadro 2** – pontos positivos e negativos.

<b>Entrevistados</b>	<b>Pontos positivos</b>	<b>Pontos negativos</b>
Entrevistada 1	1. A paz;  2. O carinho que pegou pelo local, embora não parece mais o mesmo de quando se mudou;  3. O sossego.	1. Festas dos alunos;  2. Os moradores estão mais afastados por conta da religião.
Entrevistado 2	1. Estarem conseguindo regularizar em alguns aspectos, como o saneamento básico, a estrutura da Vila e o campo de futebol que está sendo iluminado;  2. As pessoas estão mais próximas umas das outras e dos alunos também;  3. A associação dos moradores por estar fazendo um bom trabalho para a comunidade.	1. Festas dos alunos;  2. Festas dos moradores, pois a Vila possui apenas um salão de festas e quando os moradores não conseguem reservá-lo, eles fazem festas na rua atrapalhando a mobilidade da comunidade;  3. Enchentes da maré.
Entrevistado 3	1. Tranquilidade;  2. Condução;	1. Festas dos alunos;
Entrevistada 4	1. Tranquilidade;  2. Sociabilidade entre as pessoas e com o grupo acadêmico;  3. Interatividade com as crianças.	1. Enchentes da maré.  2. Festas dos estudantes.
Entrevistado 5	1. Tranquilidade;  2. Sossego;	1. Comércio são poucos;

	3. Todos se conhecem e são amigos.	
--	------------------------------------	--

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Quando a pergunta foi feita, alguns entrevistados afirmaram que não conseguiriam pensar em 3 pontos negativos de viver na Vila Residencial - UFRJ, por isso nem todos responderam a questão de forma completa.

Um ponto citado por quase todos os entrevistados como positivo foi a tranquilidade, o sossego e a paz de viver na Vila Residencial - UFRJ, pois como já observado anteriormente, eles compreendem a Vila como um ponto seguro do Rio de Janeiro.

Nota-se que um ponto negativo para quase todos os entrevistados, com exceção de E5, são as festas dos alunos, pois eles gostam dos estudantes e querem aumentar o contato entre eles e a comunidade, mas consideram que acabam exagerando nas festas e isso compromete a vida dos moradores, uma vez que perdem o direito de ir e vir. E4 ainda completa sua resposta pontuando que:

*Fazer, passar pra uma faculdade é ótimo, muito bom, aí você tem as suas limitações, fazer a sua choppada numa boa, todo mundo sentar numa cadeirinha, participar e conversar, isso faz parte do cotidiano, mas exagerar na medida das coisas, isso não é bom, então como uma época eles exageraram, há pouco tempo, e houve um choque muito grande, né. Então, é, ficou um pouco difícil da gente ter o convívio, né (E4).*

Enquanto E2 e E4 consideram que um dos pontos positivos são que as pessoas estão mais próximas, E1 considera um ponto negativo que as pessoas estão afastadas devido aos atritos pela religião, sendo a única entrevistada a falar sobre isso.

Sobre o problema citado por E2 e E4 em relação a maré, os entrevistados afirmam que o problema já foi resolvido, mas ainda consideram como um ponto negativo. Nas falas de E2, a maré enchia muito e invadia a casa das pessoas, então os moradores, em uma iniciativa conjunta com a AMAVILA, criaram uma compota para evitar que isso acontecesse, e E4 compartilha que:

*Nós temos uma ressaca alta, ela vem, vinha, eu a tive por causa disso em 2019, foi uma das últimas que passou, que a minha casa estava baixa, ela entrou 45 cm eu perdi tudo, geladeira, armário, tudo, tudo, tudo, tudo, passei a noite com água pelo joelho dentro de casa vendo minhas coisas boiando, como outras pessoas aqui também, era muita água. Foi super lua, lua cheia, foi tudo, e a maré bateu 4 metros em alto mar e quando ela veio, ela veio com 3 metros pra dentro da Vila Residencial, né, e depois disso eu consegui aterrar bem acima, os moradores aqui junto com os pescadores, com os pescadores, os moradores e mais alguém da universidade, mas acho que foram mais os moradores mesmo, eles fizeram um estudo aí e fizeram uma compota, e tá dando certo, graças a Deus. Eu não sei muito o meio como se faz essa*

*compota, eles usaram uma madeira ai que se usa em de, navio, pra, pra fazer barco, e o pessoal que tá nesse projeto que sabe explicar e o próprio (nome não autorizado), melhorou! Ela não tem entrado na Vila assim com tanta estupidez, já faz um bom tempo que ela não entra, graças a Deus (E4).*

Em relação à questão de lazer e cultura atualmente na Vila Residencial - UFRJ, sendo esta: “1) Me conte sobre sua relação com o lazer e com a cultura” do Eixo 3, E2 afirma que a AMAVILA tenta firmar parceria com algumas empresas do Parque Tecnológico e com os cursos da UFRJ para criar projetos na Vila Residencial - UFRJ. O entrevistado citou alguns projetos dos estudantes de Educação Física que vão para a Vila realizar atividades e treinar alguns esportes com os moradores, então ele afirma que lazer tem muito em relação ao esporte, mas que se resume a isso:

*Mas praticamente o lazer aqui se resume a isso, né, só futebol, e festa quando tem alguma festinhazinha que a gente faz uma brincadeira aqui, festa junina, festa das criança, dia 12 a festa das criança tá ai, agora dia 12 de outubro a gente vai fazer a festa, tem a festa de natal que a gente faz a festa de natal, que a gente distribui brinquedos junto com a parceria lá com o pessoal, que eles fornece o brinquedo em forma de cartinha, cada criança faz a cartinha e manda pra firma e a firma pega cada um pra adotar uma criança como padrinho, pra apadrinhar e compra o brinquedo que a pessoa tá pedindo, um brinquedo caro, um brinquedo barato e uma roupa... e a gente costuma trazer Papai Noel de helicóptero, então é uma coisa bem legal que, que eu até me emociono quando eu tô, quando eu vejo o helicóptero descer eu começo a chorar e todas essas coisas porque eu lembro da minha infância (E2).*

Para E3, o lazer na Vila se resume a ir para o Parque Tecnológico caminhar ou andar de bicicleta dentro do Fundão. Já E4 respondeu que a relação com a cultura são mais os projetos que a AMAVILA desenvolve, e lazer é para ela também é ir para o Parque Tecnológico:

*Porque como as empresas estão praticamente extintas, é... ficou uma área de lazer muito boa. Todo mundo quer ficar no Parque Tecnológico, quer levar sua canga, o seu isoporzinho, é muito bom! Você fica de frente pro mar olhando pra Baía de Guanabara, vendo a Ponte, pegando uma brisa, e... é muito tranquilo. E fora isso também a gente costuma dar uma volta de ônibus aqui pelo campus mesmo, e pra mim... a gente, eu gosto, daquela parte do CT, do Centro de Tecnologia, né, ali naquela partezinha que dá pra frente da Letras, a gente gosta muito de ficar por ali também. E tem a antiga prainha, que tinha os antigos, os outros moradores que acabou perdendo o local de moradia, aquela prainha também é muito boa, é um local que eu gosto (E4).*

E5 também afirma que para caminhar o bom é o Parque Tecnológico, mas que ele também gosta de pescar e que o futebol é uma ótima opção.

Com as respostas dos entrevistados, ficou nítido que eles focaram na parte do lazer, citando os projetos da AMAVILA, o Parque Tecnológico e o futebol como as fontes mais presentes, mas não falaram muito sobre a cultura, com exceção de E4, o que dá a entender que



os moradores não tem muito contato com a cultura, a não ser pelos projetos desenvolvidos em conjunto com a universidade.

A próxima pergunta a ser abordada será a pergunta 4 do Eixo 2 “4) Pelo que o(a) senhor(a) considera que seja importante que os moradores da Vila Residencial lutem?”

Sobre isso, E1 considera que seja importante que lutem pela união, que deixem as diferenças de lado. A entrevistada também cita o problema de regulamentação fundiária, pois já se tornou uma luta de 40 anos, e que não importa quantos presidentes venham, ninguém resolve o problema; ela acredita que precisa aparecer alguém que lute por eles, pois afirma eles têm apenas a conta de luz para provar que são donos de suas casas. Sobre isso, E2 também responde que a luta mais importante é a questão da regulamentação fundiária e que o sonho deles é trazer a documentação das casas, porque: “*A gente não é dono da nossa casa, a gente mora aqui praticamente... aqui é posse, né, não é... a gente não tem nenhum documento que comprove que a gente é dono do terreno*” (E2).

E3 considera que é preciso ter mais um mercado, mais uma padaria, pois afirma que a população da Vila está crescendo. Ele também acredita que seria preciso melhorar os ônibus.

Já E4 respondeu que:

*Olha... nossas, nós já... pra mim, nós já absorvemos nossas conquistas porque o que mais a Vila necessitava era do asfaltamento, isso nós fomos beneficiados com... quando eles fizeram o desassoreamento no Canal do Cunha e nós conseguimos a... na gestão da época absorver essa... a, a, a Vila, né, no caso, pra fazer o asfaltamento e a parte do esgoto, né, então foi, era o nosso sonho, né, porque antes era tudo esburacado, você fazia a casa mas a rua ficava, é... sem valorização, e quando chovia pular poça, aquela complicação toda, você vinha com o sapatinho, entrava dentro da água, e agora não, nós temos asfaltos, agora pessoalmente pra cada pessoa ela tem a sua conquista, né, mas o geral pra Vila ela tá progredindo, tipo agora tem iluminação no campo de futebol aqui pelo nosso novo administrador, né, que tá aqui, o Tuninho, e uns projetos assim eu acho que é mais assim da juventude, né, o pessoal mais jovem, o campo de futebol pras crianças, a pracinha, né, pra, pras crianças menores, tem projeto aí de Judô, e eu acho que nós alcançamos um grande passo com essa parte de asfalto (E4).*

Por último, E5 considera que o mais importante seria ter um posto de saúde. O entrevistado informa que existe um atendimento odontológico na associação, mas considera que seria bom ter um médico atendendo toda semana ou de 15 em 15 dias.

Assim, vê-se que um ponto de destaque em relação a luta dos moradores continua sendo a regulamentação fundiária, porque como citado pela autora anteriormente no referencial teórico, os moradores vêm lutando por isso há alguns anos, mas é um problema que ainda não foi resolvido. Os entrevistados também entendem que a Vila Residencial - UFRJ está

caminhando para o progresso, aumentando os mercados e outras necessidades na Vila, mas consideram que ainda precisa melhorar neste aspecto.

Por fim, nota-se que os entrevistados falam com afetividade em relação à história da Vila e que mesmo tendo pontos negativos, ainda assim consideram como um lugar maravilhoso de viver, sendo um lugar seguro, tranquilo, sossegado e bom. Todos os entrevistados mostraram que gostam da Vila Residencial - UFRJ, e todos os problemas e os pontos positivos citados acabaram sendo relacionados uns com os outros. Se torna necessário destacar também que os entrevistados se sentiram confortáveis para compartilhar suas memórias para que outras pessoas pudessem conhecer suas histórias.

Com base nos relatos coletados para esta pesquisa, pode-se observar que ouvir as memórias desses idosos contribui tanto para uma reconstrução mais completa e diversificada da história da comunidade, quanto para dar sentido aos acontecimentos. Dessa forma, se busca reafirmar a importância de criar um acervo de memória a partir da organização destes – e outros – relatos para que sejam todos armazenados em um mesmo local, visando a sua guarda, preservação, e posteriormente a disponibilização, dando voz àqueles que podem ter sido silenciados ao longo do tempo e que não fazem parte da composição da chamada história oficial, como apontada por Bosi (1987).

## 8 CONCLUSÃO

Para efetivar de fato uma relação entre as pessoas idosas e a Biblioteca Comunitária na Vila Residencial e responder ao problema levantado no início desta pesquisa, é necessário, primeiro, que a biblioteca se apresente para a comunidade como um espaço para além de leitura e estudo, mas também como um lugar de memória onde as vivências e o afeto são importantes. Em segundo lugar, é preciso que os membros da biblioteca busquem criar uma relação com os moradores mais velhos, convidando-os para ocupar o seu espaço e para participar dos projetos e eventos que são desenvolvidos. Por fim, é preciso mostrar para essas pessoas que o que elas têm a dizer é importante, que os seus discursos possuem a capacidade e a potencialidade de construir a história social da comunidade, além de transpassar seus aprendizados para as futuras gerações.

Em relação ao primeiro objetivo específico, é possível afirmar que a coleta, a guarda, a preservação e a disseminação de suas memórias são importantes para os idosos, pois todos responderam de forma positiva e se sentiram confortáveis para compartilhar suas histórias com a autora.

Já sobre o segundo objetivo específico, em relação a analisar a relação dos idosos com as bibliotecas públicas e comunitárias, se percebe que indivíduos entrevistados não frequentam as bibliotecas atualmente e tampouco as compreendem como lugares de lazer. A partir deste posicionamento, se destaca mais uma vez a necessidade de as bibliotecas se apresentarem para estas pessoas como espaços de lazer e cultura.

Sobre o terceiro objetivo específico de criar uma narrativa de memória com os entrevistados, foi respondido de uma forma positiva, pois todos os entrevistados buscaram contar suas histórias da forma como consideraram melhor, além de que todos indicaram outras pessoas para serem entrevistadas, uma vez que compreenderam como algo positivo e acreditam que os outros também possuem coisas relevantes para compartilhar.

Por último, em relação ao quarto objetivo específico de sugerir um método para efetivar a relação entre o idoso e as bibliotecas, não foi possível chegar a um método fechado, mas na possibilidade de um. Deste modo, sugere-se que para criar um acervo de memória e de fato preservá-la, é preciso que se busque ouvir o que essas pessoas têm a dizer e coletar seus relatos através de entrevistas e conversas individuais ou em grupo. Tais registros podem ser através de áudio, de vídeo ou em qualquer outro suporte que seja possível armazenar suas falas e, após ouvi-las, é preciso organizá-las de uma forma lógica que facilite sua recuperação, podendo ser através de uma ordem cronológica, dividida por relatos pessoais ou com a criação de uma

narrativa através da junção dos relatos. Em seguida, pode-se criar um acervo de memória em uma plataforma que seja de fácil acesso para todos que tenham interesse. O acervo pode ser composto tanto por relatos coletados com a participação da comunidade, quanto pelo resgate de materiais já existentes sobre o local, como imagens, outros documentos de texto ou vídeos, sendo estes disponibilizados pelos moradores ou coletados por pessoas envolvidas no projeto.

Sobre o tema de pesquisa, se notou que existe pouca literatura disponível acerca do assunto, principalmente em relação a trazer as pessoas idosas para trabalhar as memórias dentro do espaço das bibliotecas públicas e comunitárias. O que mais se encontrou foram publicações tratando de bibliotecas como espaços de memórias, e também sobre a construção social da memória através da fala de idosos, mas não trabalhos que relacionassem os dois assuntos.

Em relação a trabalhos futuros, seria necessário manter um olhar mais amplo sobre o assunto, visto que o trabalho focou na Vila Residencial - UFRJ, o que trouxe aspectos positivos, mas a ação de trabalhar com a memória do idoso dentro do espaço da biblioteca pública e comunitária é um assunto que pode ser desenvolvido em outros ambientes a fim de efetivar essa relação e buscar a possibilidade de trazer essa parte da comunidade para dentro desses ambientes.

Conclui-se, então, que a construção social da memória através do relato de idosos dentro das bibliotecas é possível e se configura como um aspecto positivo, seja para os idosos ou para a sociedade em geral, pois deste ato ambos estariam tendo retornos positivos, desmitificando a ideia de bibliotecas como espaços de memória apenas através de livros de história.

## REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA da Vila Residencial na UFRJ. Entrevistados: Regina Zeitone; Jean Lima; Dona Rita. Rio de Janeiro: [s. n., 2016]. 1 vídeo (14 min). Publicado pelo canal AmaVila UFRJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ckMMmSd6mxE>. Acesso em: 17 jul. 2022.

ALMEIDA, Vitória Gomes; LIMA, Izabel França de. Bibliotecas, cultura e memória: possibilidades e desafios. **Folha de Rosto**, v.2, n. 2, p. 56-64, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/155>. Acesso em 01 maio 2022.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas: avaliação de serviços**. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: [https://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/biblioteca%20publica\\_digital.pdf](https://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/biblioteca%20publica_digital.pdf). Acesso em: 05 maio 2022.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ingênua, astuta e crítica. **Revista Eletrônica da ABDF**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 48-67, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revista.abdf.org.br/abdf/article/view/161>. Acesso em: 04 maio 2022.

ALVES, Miriam Sousa; FERREIRA, Tailze Melo. Flutuações da memória: a construção da verossimilhança em Leite Derramado, de Chico Buarque. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 49, p. 135-148, jan./jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/14534>. Acesso em: 23 abr. 2022.

ANDRADE, Rosane Maria Nunes. Bibliotecas: lugar de memória e de preservação: o caso da Biblioteca Nacional do Brasil. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 17-34, jun. 2009. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/41>. Acesso em: 01 maio 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetória dos estudos da velhice no Brasil. **Sociologia, problemas e prática**, n. 52, p. 109-132, 2006. Disponível em: <https://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/52/540.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2022.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SUAIDEN, Emir José. O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento no contexto da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 16, n. 4, p. 29-41, out./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/59tSQqr4G9TjSBNBGdXnrrv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 maio 2022.

BLANK, Cinthia Kath; SARMENTO, Patrícia Souza. Bibliotecas comunitárias: uma revisão de literatura. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 142-148, 2010. Disponível em: [https://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/11/pdf\\_86b08b671a\\_0013042.pdf](https://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/11/pdf_86b08b671a_0013042.pdf). Acesso em: 01 maio 2022.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>. Acesso em: 02 jul. 2022.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1987.

BRETTAS, Aline Pinheiro. A biblioteca pública: um papel determinado e determinante na sociedade. **Biblios: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande do Sul, v. 24, n. 2, p. 101-118, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1153>. Acesso em: 21 maio 2022.

CHAUI, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. *IN*: Bosi, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1987. p. 17-34.

CONEXÃO. UFRJ tem projeto para Vila Residencial. **Conexão UFRJ**, 2004. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2004/08/ufrj-tem-projeto-para-vila-residencial/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

CORREA, Sonia Maria Barros Barbosa. **Probabilidade e estatística**. 2 ed. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, 2003. 116 p. Disponível em: [http://estpoli.pbworks.com/f/livro\\_probabilidade\\_estatistica\\_2a\\_ed.pdf](http://estpoli.pbworks.com/f/livro_probabilidade_estatistica_2a_ed.pdf). Acesso em: 13 ago. 2022.

COSTA, Maurício José Morais *et al.* A biblioteca pública Benedito Leite e suas relações com a identidade, sociabilidade e enraizamento da cultura maranhense. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 25, n. 1, p. 405-426, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/137576>. Acesso em: 05 maio 2022.

COSTA, Rosilene Silva da. Riobaldo rememorando para viver o que faltava. **Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 1-12, jul./dez. 2008.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MYNAIO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 31-60.

DODEBEI, Vera. Construindo o conceito de documento. *In*: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes; MORAES, Nilson Alves de. (Orgs.). **Memória e construção de identidades**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001. p. [1-8].

DUARTE, Lawrence Matheus Evangelista. Biblioteca digital de memória na Vila Residencial. *In*: Semana de Integração Acadêmica da UFRJ. (Org.) **Caderno de resumos da 11º SIAC: Semana de Integração Acadêmica da UFRJ: 2022: Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas: 14 a 18 de fevereiro de 2022**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2022. p. [12]. Disponível em: <https://sistemasiac.ufrj.br/cadernoController/gerarCadernoResumo/34000000>. Acesso em 01 nov. 2022.

FERNANDES, Carlos Leonardo Gomes *et al.* Ilha do Fundão – RJ: a Vila Residencial e a relação com a concentração de atividades de PD&I. **Revista Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 33-49, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensaios/article/view/37220>. Acesso em: 20 maio 2022.

FERNANDES, Ricardo Prati. **Vila Residencial da UFRJ**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Paisagismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/12390/1/RPFernandes.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

FREIRE, Letícia de Luna. **Próximo do saber, longe do progresso: história e morfologia social de um assentamento urbano no campus universitário da Ilha do Fundão-RJ**. Niterói: Editora da UFF, 2014. em: <http://www.eduff.uff.br/index.php/livros/245-proximo-do-saber-longe-do-progresso-historias-de-uma-vila-residencial-no-campus-universitario-da-ilha-do-fundao-rj>. Acesso em: 20 maio 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Henriette Ferreira. A biblioteca pública e os domínios da memória, da mediação e da identidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 9., n. esp., p. 151-163, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/t4k6pt7pb4gTPXt5yWDSzqD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 maio 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais, 1990. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod\\_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf). Acesso em: 23 abr. 2022.

IFLA; UNESCO. Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas 1994. 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acesso em: 04 maio. 2022.

LIMA, Livia Morois Garcia; SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Turismo e idosos: o patrimônio imaterial como fator de atração para o turismo cultural no espaço rural. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 517-538, dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14230>. Acesso em: 23 abr. 2022.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976>. Acesso em: 04 maio 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Estatuto do idoso**. Brasília, Editora do Ministério da Saúde, 2009. 2. ed. Disponível em: [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto\\_idoso\\_2ed.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_2ed.pdf). Acesso em: 02 dez. 2022.

MONTGOMERY, Lucy Maud. **Anne e a casa dos sonhos**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2020.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MYNAIO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza. **Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta**. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MYNAIO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007a. p. 61-77.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, (10), dez. 1993. Disponível em: [https://www.academia.edu/38140976/A\\_Entre\\_Mem%C3%B3ria\\_e\\_Hist%C3%B3ria\\_A\\_problema%C3%A1tica\\_dos\\_lugares\\_Pierre\\_Nora\\_PDF](https://www.academia.edu/38140976/A_Entre_Mem%C3%B3ria_e_Hist%C3%B3ria_A_problema%C3%A1tica_dos_lugares_Pierre_Nora_PDF). Acesso em: 24 jun. 2022.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. Documento e informação, conceitos necessariamente relacionados no âmbito da ciência da informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 9, 2008, São Paulo. **Anais [...]**, São Paulo, USP, 2008. p. 1-10. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/177618>. Acesso em 18 jun. 2022.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. A noção de documento: de Otlet até os dias atuais. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 2, p. [1-14], abr. 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/7087>. Acesso em: 17 jun. 2022.

ORTEGA, Cristina Dotta; SALDANHA, Gustavo Silva. A noção de documento no espaço-tempo da ciência da informação: críticas e pragmáticas de um conceito. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 24, n. esp., p. 189-203, jan./mar. 2019. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/3920>. Acesso em: 17 jun. 2022.

PEREIRA, Patrícia Mallmann Souto. Bibliotecas comunitárias no Brasil: o que apresentam as pesquisas? In: CARDOSO, Francielle (org.). **Perspectivas atuais em bibliotecas e arquivos**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 87-119.

PEREIRA, Patrícia Mallmann Souto; COUTINHO, Luciano Rodrigues de Souza; SILVA, Geise Ribeiro da. Biblioteca comunitária: um conceito ainda em construção: extensão universitária como política pública. In: **Informação e gestão: ensino, pesquisa e extensão**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; BENCHIMOL, Alegria. Objeto etnográfico como documento e informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 10., [2009], João Pessoa. **Anais [...]**, João Pessoa: UFPB, [2009]. p. [1-15]. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/175907>. Acesso em: 17 jun. 2022.

PRADO, Geraldo Moreira; MACHADO, Elisa Campos. Território de memória: fundamentos para a caracterização de biblioteca comunitária. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE



PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2008. São Paulo. **Anais [...]** Brasília: UnB, 2008. p. 1-14. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/179342>. Acesso em: 04 ago. 2022.

RODRIGUES, Marcia Carvalho. Bibliotecas como lugares de memória: o caso sul-rio-grandense. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 68-83, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/424>. Acesso em: 01 maio 2022.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. [1-16], 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/LMRT4TjxVTN4v7w5TMG9qrf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2022.

SILVA, Aline Pacheco *et al.* “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de história de vida. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, Minas Gerais, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224>. Acesso em: 02 jul. 2022.

SILVA, Ana Pricila Celedonio da; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Expressões da memória, cultura e mediação na biblioteca comunitária. *In: XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 2018. **Anais [...]** Londrina: UEL, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/103408>. p. 1686- 1706. Acesso em: 04 ago. 2022.

SILVA, Gabriel José Teixeira da; PEREIRA, Patrícia Mallmann Souto; COUTINHO, Luciano Rodrigues de Souza. A extensão como prática política e pedagógica das universidades em bibliotecas comunitárias: o caso do projeto biblioteca comunitária na Vila Residencial da UFRJ. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (Online)**, v. 13, n. esp., p. 2090-2103, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1258>. Acesso em: 20 maio 2022.

SILVEIRA, José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 15, n. 3, p. 67-86, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/4jq9Fg66W6sYQ3XxTMSbCRD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 maio 2022.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. A noção de documento digital: uma abordagem terminológica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 125-140, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/10102>. Acesso em 01 jul. 2022.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. Informação e documento: relações simbióticas. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 91-110, abr. 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/81536>. Acesso em: 17 jun. 2022.

TADESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidades, experiência e narração. 2 ed. Passo Fundo: UFP Editora, 2014. Disponível em: [http://editora.upf.br/images/ebook/nas\\_cercanias\\_da\\_memoria.pdf](http://editora.upf.br/images/ebook/nas_cercanias_da_memoria.pdf). Acesso em: 23 abr. 2022.

TONELLO, Izângela Maria Sansoni; MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia como documento: com a palavra de Otlet e Briet. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 77-93,

jan./abr. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/32311>. Acesso em 01 jul. 2022.

UFRJ. **Universidade Federal do Rio de Janeiro**, c2022. Galeria de reitores. Disponível em: <https://ufrj.br/aceso-a-informacao/institucional/galeria-de-reitores/>. Acesso em: 17 maio 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Conselho de Extensão Universitária. Resolução n. 2 de 9 de março de 2020. **BUFRJ**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 7, 23 abr. 2020. Disponível em: <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2020/17-2020.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022.

VALENÇA, Tatiane Dias Casimiro; REIS, Luciana Araújo dos. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 265-281, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27001>. Acesso em: 23 abr. 2022.

VILA Residencial sofre enchente. **AdURJ**, 2020. Disponível em: <https://www.adufrj.org.br/index.php/pt-br/noticias/arquivo/21-destaques/2916-vila-residencial-sofre-enchente-e-pede-socorro>. Acesso em: 17 jul. 2022.

VILA Residencial UFRJ. Exibição: Repórter Rio. Repórter: Lizzie Nassar. Rio de Janeiro: TV Brasil, 2011. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fo8dRiu6aL4>. Acesso em: 17 jul 2022.

## **APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **Eixo 1 – Sobre o entrevistado**

1) Identificação de características específicas dos entrevistados: idade, gênero, profissão, há quanto tempo mora na Vila, quantas gerações da família vivem ou viveram na vila, se possui vínculo com a UFRJ;

### **Eixo 2 – Relação com a Vila Residencial**

- 1) O(a) senhor(a) pode me contar como é viver na Vila Residencial hoje em dia?
- 2) O(a) senhor(a) considera que as coisas já foram melhores na Vila Residencial em algum momento? Se sim, em que momento?
- 3) O(a) senhor(a) possui alguma atuação política na Vila Residencial? Qual?
- 4) Pelo que o(a) senhor(a) considera que seja importante que os moradores da Vila Residencial lutem?
- 5) Me conte três pontos positivos e negativos de viver na Vila Residencial, em ordem do melhor para o pior.

### **Eixo 3 – Lazer e cultura**

- 1) Me conte sobre sua relação com o lazer e com a cultura;
- 2) O(a) senhor(a) já frequentou ou frequenta alguma biblioteca pública ou comunitária?
  - 2.1) Me conte sobre sua relação com as bibliotecas públicas e comunitárias;
- 3) O(a) senhor(a) conhece a Biblioteca Comunitária na Vila Residencial?

### **Eixo 4 – Documentos**

- 1) O que o(a) senhor(a) acha sobre ter suas memórias documentadas e disponibilizadas pela Biblioteca Comunitária na Vila Residencial - UFRJ para que todos possam ter acesso?
- 2) De que forma o(a) senhor(a) acredita que ter as memórias disponibilizadas para o público, tanto interno, quanto externo, impactaria de na vida de vocês (moradores)?

### **Eixo 5 – Memórias**

- 1) O(a) senhor(a) cresceu na Vila Residencial ou se mudou para a Vila Residencial em algum outro momento?
- 2) Se o(a) senhor(a) pudesse dividir a história da Vila Residencial, quais seriam os maiores marcos?

- 2) Me conte sua história na Vila Residencial desde o momento em que se lembra;
  - 2.1) Me conte como foi crescer na Vila Residencial / Me conte sobre como foi se instalar na Vila Residencial;
    - 2.1.1) Quais são suas primeiras lembranças da Vila Residencial?
    - 2.1.2) Como foi sua infância?
- 3) Como o(a) senhor(a) e sua família foram morar na Vila Residencial?

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS**  
**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS**  
**CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Grupo a ser pesquisado: Pessoas acima de 60 anos que vivem na Vila Residencial – UFRJ e / ou pessoas acima de 50 que possuam alguma atuação política e que vivem na comunidade.

Você está sendo convidado(a) a participar como colaborador(a) da pesquisa **“A possível relação entre as pessoas idosas e as bibliotecas públicas / comunitárias para preservação da memória coletiva: um estudo com a Vila Residencial - UFRJ”**

**Pesquisador responsável** (orientador): Patrícia Mallmann Souto Pereira

**Instituição:** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG)

E-mail de contato: [comissaotcc.cbg@gmail.com](mailto:comissaotcc.cbg@gmail.com)

**Pesquisador** (orientando): Natasha Silva Valladão

### **1 OBJETIVO DA PESQUISA**

Investigar, a partir da perspectiva da Vila Residencial - UFRJ, como criar uma relação entre as pessoas idosas e as bibliotecas públicas e comunitárias para preservar a memória coletiva de um grupo ou comunidade.

## **2 EXPLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS**

A pesquisa possui uma abordagem de cunho qualitativo e os dados serão coletados através das técnicas de entrevista por pautas e de história de vida. A entrevista por pautas se caracteriza como uma entrevista onde a entrevistadora citará temas de interesse e o entrevistado discorrerá sobre o assunto. A história de vida consiste em permitir que o(a) entrevistado(a) conte a sua história da forma como achar melhor, a partir de suas próprias percepções e do sentido que dá a sua vida. A entrevista será gravada por áudio, e após a finalização será transcrita. A análise de dados será realizada através da análise de conteúdo. Os relatos poderão ser documentados e disponibilizados em um acervo de memória local.

## **3 POSSÍVEIS RISCOS E DESCONFORTOS**

Os procedimentos envolvidos neste estudo não devem proporcionar desconfortos ou riscos a você. Também não deve proporcionar exposição de ideias e fatos não desejados, questão que será negociada entre você e o(a) pesquisador(a).

## **4 DIREITO DE DESISTÊNCIA**

Você pode desistir a qualquer momento de participar do estudo, não havendo qualquer consequência decorrente dessa decisão.

## **5 SIGILO**

Todas as informações obtidas no estudo poderão ser publicadas com finalidade acadêmica, porém será preservado o completo anonimato da sua identidade, isto é, nenhum nome será identificado em qualquer material divulgado sobre o estudo. Com o término do estudo, todos os registros de áudio e de imagem serão destruídos.

## 6 TERMO DE CONSENTIMENTO COM O SUJEITO DA PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, declaro ter lido (ou que me foi lido) as informações acima antes de assinar este formulário. Me foi dada oportunidade de fazer perguntas, tendo sido esclarecidas minhas dúvidas. Por este instrumento, tomo parte, voluntariamente, do presente estudo.

\_\_\_\_\_  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante